

Nem Mais Um Copo de Leite

por

Thiago Taves  
André Novais

Rua Sergipe, nº 472 / apto  
1005 - Funcionários  
(31) 9141-7429

[thiagokatol@hotmail.com](mailto:thiagokatol@hotmail.com)

FADE IN:

#01. INT. FLORICULTURA. DIA (2010)

CRÉDITOS INICIAIS são interpostos por imagens de uma floricultura decadente.

GENÁRIO, um homem de meia idade, levemente acima do peso rega uma planta com cuidado, cortando-lhe alguns ramos com um alicate.

ALENCAR, um pouco mais novo, também acima do peso, se aproxima do pequeno balcão da frente, observando o interior da loja.

Ele bate no balcão, chamando a atenção de GENÁRIO, que lhe abre um sorriso.

GENÁRIO

Opa, acabou de chegar a sua encomenda.

GENÁRIO coloca um pequeno saco de pano sobre o balcão, as letras no mesmo estão em russo.

ALENCAR

Ahh. Que ótimo, o meu já tava acabando.

ALENCAR lhe passa uma nota que GENÁRIO guarda em uma caixa registradora bem vazia.

GENÁRIO

Você deve tá fazendo uma estufa em casa...pra usar tanto assim.

ALENCAR

Parece até que você tá reclamando... Olha que eu paro de comprar...

GENÁRIO

Não, que isso. Praticamente é só você que compra aqui.

ALENCAR sorri, olhando as prateleiras quase vazias da loja.

ALENCAR

Pô, mas você tem que dar uma ajeitada na loja, passar uma tinta, comprar mais planta. Umas bromélias, orquídeas. Orquídea vende, você sabe.

GENÁRIO

É, eu to precisando mesmo. Mas falta tempo, né? (fazendo um gesto com os dedos que nos remete a dinheiro) Você entende.

ALENCAR concorda com um aceno de cabeça, tirando uma foto Polaroid do bolso do paletó.

ALENCAR

Lembra daquele espinho de fogo?  
Dá uma olhada.

Ele entrega a foto ao outro. Na mesma pode se ver uma bela espécie de "espinho de fogo" em um bonito vaso simples.  
GENÁRIO solta um assovio de admiração.

GENÁRIO

Nossa, ficou bonitão, hein. Esse negócio é bom mesmo.

ALENCAR sorri, lhe mostrando as mãos em um gesto.

ALENCAR

(sorrindo)  
E modéstia à parte, eu tenho jeito pra coisa. É ou não é?

CORTA PARA:

SOBRE FUNDO PRETO APARECE O TÍTULO DO FILME: "Nem mais um copo de leite"

CORTA PARA:

#02. INT. BANHEIRO DE HOTEL(1). NOITE.

MAURÍCIO, um homem magro de aproximadamente 25 anos de idade, enfia seu rosto na pia cheia de gelo, balançando o rosto ao retirá-lo, desperto.

Ele traja somente uma cueca, e o corpo esguio revela algumas marcas de picadas de agulha nos braços.

O barulho do toque de um celular ecoa pelo ambiente, fazendo com que MAURÍCIO caminhe até o QUARTO para atendê-lo.

CORTA PARA:

#03. INT. QUARTO DE HOTEL(1). NOITE

Um simples quarto de hotel. Do tipo três estrelas.

MAURÍCIO sai do BANHEIRO e se dirige até a cama, pegando o telefone celular em um criado ao canto e sentando-se.

Sentado na cama, vestindo sua calça MAURÍCIO fala ao telefone.

MAURÍCIO

Alô?

VOZ (O.S.)

Você é doido, cara? Some e não dá notícia...Tem dois dias que tô te procurando. Aonde você tava?

MAURÍCIO

(sorrindo)

Não sei...mas eu tava bem pra caralho!

VOZ (O.S.)

Humm...Entendi...Então você tá com a parada aí?

MAURÍCIO olha sorrindo para um criado mudo onde estão vários pacotes de cocaína embalados com cuidado em pequenos tijolos. Um pouco de pó espalhado pela superfície lisa do móvel.

MAURÍCIO

Claro que tô, mas não vai ser barato. É da boa, velho. Você vai ver.

VOZ (O.S.)

E onde tu conseguiu essa merda?

MAURÍCIO

Cara, te falei. Eu tenho um anjo da guarda!

MAURÍCIO veste uma camisa, se arrumando em seguida.

VOZ (O.S.)

Ok. Não sei se conheço esse anjo da guarda. Mas se for furada eu te mato.

MAURÍCIO

Ihh...relaxa.

Com as mãos MAURÍCIO junta o pó sobre o móvel, colocando um pouco em seu polegar.

VOZ (O.S.)  
Tá bom. Que horas rola de trazer  
aqui?

MAURÍCIO cheira um pouco de pó, franzindo o rosto em seguida.

MAURÍCIO  
Daqui a duas horas, no máximo.

CORTA PARA:

#04. INT. ÔNIBUS. NOITE

O ônibus tem poucos passageiros.

MAURÍCIO está sentado em uma cadeira junto à janela.

Ele apóia a cabeça no vidro, fechando os olhos por um instante e em seguida abrindo-os e sorrindo para si próprio.

Após alguns instantes ele se levanta e dá sinal, saindo logo em seguida, pela porta do meio.

Mais ao fundo um homem se levanta e desce no mesmo ponto, pela porta traseira.

CORTA PARA:

#05. EXT. RUAS DA CIDADE 1. NOITE

MAURÍCIO caminha com tranqüilidade pelas ruas quase desertas da cidade, assoviando de forma alegre.

Ele vira uma esquina, andando com tranqüilidade.

CORTA PARA:

#06. EXT. ESCADARIA. NOITE

MAURÍCIO chega a uma ESCADARIA DE CONCRETO, escura e deserta, e a desce devagar.

Mais embaixo surge ALENCAR, trajando uma roupa social normal e um paletó discreto.

Ele a sobe com passos calmos, e pára ao meio, sorrindo fraternalmente para o outro, que o observa com certo interesse.

MAURÍCIO  
Ei, você tem as horas?

ALENCAR faz sinal negativo com a cabeça, deixando que o outro passe.

Quando MAURÍCIO está de costas para ele, ALENCAR gira o corpo com velocidade, cravando com uma das mãos uma seringa no pescoço de MAURÍCIO e segurando seu ombro com a outra.

MAURÍCIO dá um passo para trás, confuso, com a mão no pescoço, empurrando ALENCAR com certa violência, afastando-o de si.

MAURÍCIO  
Que porra é essa?

Após instantes, seu corpo vai ao chão, inerte.

ALENCAR, então, guarda a seringa em um bolso do paletó e limpa sua roupa com as mãos.

Após agachar e checar a pulsação do pescoço do outro, ele volta a subir as escadas, seus passos calmos ecoando pelo local deserto.

CORTA PARA:

#07. INT. NECROTÉRIO. DIA

Uma gaveta de metal se abre com velocidade, revelando o corpo de MAURÍCIO em sua superfície lisa.

RODRIGO, um homem de 30 anos de idade, cabelos levemente atrapalhados e trajando roupas simples, tem uma câmera pendurada no pescoço e anota algo em um pequeno caderno de bolso.

A sua frente, um LEGISTA relativamente jovem, trajando um avental branco manchado de sangue seco, limpa as mãos em um pano enquanto fala.

LEGISTA  
Chegou ontem. Umas 3:30 da noite.

RODRIGO percebe as marcas de agulha nos braços de MAURÍCIO.

RODRIGO  
Viciado.

LEGISTA  
(irônico)  
Cocaína. Esse gostava de injetar...vai ver que já tava com as "narina" entupida. Mas não foi overdose, não. Foi parada cardíaca.

RODRIGO  
(intrigado)  
Hum...

O LEGISTA coloca os dedos sem luvas sobre o pescoço do cadáver, tocando uma marca roxa, na lateral esquerda do mesmo.

LEGISTA  
Mas tem outra marca de agulha aqui. Dá uma olhada.

RODRIGO  
Que estranho. Você avisou a polícia?

LEGISTA  
Ihhh...Você acha que vai ter algum policial que vai gastar tempo com isso?

RODRIGO  
É. Hoje em dia...

LEGISTA  
Apesar que fiquei sabendo que o pai desse rapaz é bem de vida. Não é nenhum magnata, mas ganha bem.

RODRIGO olha curioso para o buraco no pescoço de MAURÍCIO.

LEGISTA  
Na verdade acho que já vi umas duas ou três marcas dessas nuns corpos aí...

RODRIGO  
Sério? Sabe quais?

CORTA PARA:

#08. INT. ARQUIVO DE NECROTÉRIO. NOITE

Uma porta dupla se abre, LEGISTA e RODRIGO andam entre os arquivos em uma ampla sala repleta de prateleiras.

LEGISTA  
Deve tá por aqui. Esses são dos últimos meses. Eu sei que os que eu vi não tem muito tempo.

Os dois param diante de uma prateleira de metal, repleta de pastas de arquivo.

RODRIGO folheia as pastas com os dedos, procurando.

O LEGISTA o observa por um tempo.

LEGISTA  
(sorrindo)  
Acho engraçado. Você dando uma de detetive.

RODRIGO  
(rindo)  
Gosto disso. Mas em breve vou começar a escrever matérias, digamos, normais. Cheguei a te falar?

O LEGISTA se afasta, indo em direção a uma mesa de trabalho a um canto da sala.

LEGISTA  
(se afastando)  
Não. Que bom. Apesar que escrever sobre quem tá vivo deve ser mais difícil, né?...  
Ohh...Vou dar uma cochilada ali...quando sair você apaga a luz.

O LEGISTA se senta em uma cadeira, detrás da mesa, colocando os pés na mesma.

RODRIGO mexe nos arquivos, olhando um por um os relatórios das pastas.

CORTA PARA:

#09. INT. APARTAMENTO DE RODRIGO/SALA. NOITE

MARISA, uma jovem mulher atraente, está sentada em frente a TV, trajando roupas soltas e comendo um jantar descongelado em uma vasilha de plástico.

Ela mantém os olhos fixos na TV enquanto RODRIGO adentra pela porta central, com a aparência cansada.

RODRIGO deixa o casaco sobre a mesa de jantar e caminha até sua esposa, dando lhe um beijo rápido nos lábios.

MARISA  
Como foi o dia?

RODRIGO se senta aos seus pés e suspira, se espreguiçando.

RODRIGO  
É...meio estranho.

MARISA dá uma garfada e faz carinho no outro com um dos pés.



MARISA  
 (de boca cheia)  
 Estranho, como?

RODRIGO sorri levemente, massageando o pé dela com esmero.

RODRIGO  
 Um corpo aí, tinha uma marca de  
 seringa no pescoço.

MARISA  
 Humm...

RODRIGO  
 Uma marca roxa.

MARISA dá mais uma garfada.

MARISA  
 (olhando para a comida)  
 Que esquisito.

Um silêncio grande segue entre os dois, RODRIGO,  
 pensativo, ainda massageia seus pés.

RODRIGO  
 (para ele mesmo)  
 É...esquisito.

CORTA PARA:

#10. INT. APARTAMENTO DE ALENCAR 2/QUARTO. NOITE

O traje que ALENCAR vestia na cena #06 está  
 meticulosamente organizado sobre uma escrivaninha, ao lado  
 de saco plástico de lixo, com as luvas por cima do paletó  
 e das calças dobradas.

O barulho de um chuveiro pode ser ouvido por longos  
 instantes, preenchendo o recinto.

CORTA PARA:

#11. INT. APARTAMENTO DE ALENCAR 2/SALA. NOITE

É uma grande sala de estar. Ainda escutamos o barulho do  
 chuveiro.

Todo o ambiente reflete uma certa funcionalidade, sem  
 deixar de ser aconchegante, com pequenos quadros pontuando  
 os espaço vazios, vários vasos de plantas diversas  
 espalhados pela sala e uma bela TV de LCD ao centro da  
 mesma.

CORTA PARA:

## #12. INT. APARTAMENTO DE ALENCAR 2/QUARTO. NOITE

O barulho do chuveiro cessa e ALENCAR sai do banheiro e entra no quarto trajando um roupão confortável, caminhando com tranqüilidade.

Ele pega o saco de lixo com uma mão e deposita todo o traje dentro do mesmo com a outra, fechando-o com um nó na ponta e deixando-o ao lado da porta.

Ele sai do quarto.

CORTA PARA:

## #13. INT. APARTAMENTO DE ALENCAR 2/SALA. NOITE

Ele apenas passa pela sala, caminhando até a cozinha e aperta o botão da secretária eletrônica.

Do aparelho sai a voz doce de uma mulher, é a RECEPCIONISTA.

RECEPCIONISTA DO CONSULTÓRIO (O.S.)

Olá, senhor Alencar. Aqui é do consultório do doutor Túlio, estamos ligando a respeito dos seus últimos exames. Vamos precisar que o senhor venha aqui nessa semana. Na quarta feira está bom pro senhor? Por favor ligue confirmando, obrigada.

O bip que indica o final da mensagem ecoa pela sala vazia.

ALENCAR retorna com um longo copo de leite, olhando para o aparelho por longos instantes.

Em seu rosto, uma expressão de interesse.

CORTA PARA:

## #14. INT. CONSULTÓRIO MÉDICO. DIA

Doutor TÚLIO, um homem de aproximadamente 35 anos de idade, mantém um sorriso simpático no rosto enquanto observa ALENCAR, que caminha com passos tranquilos e se senta do lado oposto da mesa.

TÚLIO

Boa tarde Alencar, como vai?

ALENCAR

Tô ótimo. Eu acho, né. Me ligaram dizendo pra eu vir aqui.

O semblante de Túlio se torna levemente mais sério.

TÚLIO

Bom, seus exames tiveram uns resultados inesperados, vamos precisar fazer mais alguns pra confirmar o diagnóstico.

ALENCAR

Mas confirmar o quê?

TÚLIO

Olha, ...eu ainda não posso dizer nada com certeza, a gente precisa desses exames, você tem a tarde livre?

CORTA PARA:

#15. INT. ARQUIVO DO JORNAL. DIA

RODRIGO chega diante do balcão de ALINE, uma mulher de meia idade um pouco gorda, usando óculos de leitura pequenos para o seu rosto, lendo um pequeno livro de auto ajuda.

RODRIGO lhe dá um sorriso.

RODRIGO

Boa tarde. Eu queria dar uma olhada nos jornais de abril e março desse ano.

ALINE levanta os olhos, o olhando com desdém.

ALINE

Você trabalha aqui?

RODRIGO

É, eu escrevo obituários. Tô começando nas matérias agora.

ALINE aponta para a porta atrás de si.

ALINE

Terceira prateleira de trás pra frente, tenta não rasgar nada.

RODRIGO

Brigado.

CORTA PARA:

#16. INT. SALA DE PESQUISA. DIA

RODRIGO está sentando em frente a uma mesa grande, onde estão abertos grandes livros com páginas de jornais.

Ele tem seu laptop ao canto e escreve no mesmo, parando de quando em quando para ler alguma coisa.

Pode se ver fotos em preto e branco de um orfanato, de um cavalo, etc.

CORTA PARA:

#17. INT. SALA DE EXAMES. DIA

MONTAGEM DE PLANOS:

1) ALENCAR trajando um avental de paciente medico adentra uma máquina de scanner neural.

2) ALENCAR caminha em uma esteira, ligado a eletrodos.

3) ALENCAR franze o rosto quando lhe tiram sangue pelo braço

4) Uma máquina de Raio X opera fazendo barulho.

CORTA PARA:

#18. INT. CONSULTÓRIO MÉDICO. DIA

INSERT: Uma pesada pasta parda é colocada sobre a mesa de TÚLIO.

TÚLIO mantém-se em silêncio, encarando ALENCAR com uma expressão séria e pesarosa no rosto.

Ambos estão sentados, um de frente pro outro, separados por uma mesa.

ALENCAR

E então?

TÚLIO balança a cabeça, alisando os cabelos em seguida.

TÚLIO

Bom, Alencar. Os exames confirmaram o diagnóstico. Nós detectamos um câncer no lóbulo frontal do seu cérebro.

ALENCAR o olha por longos segundos, sem demonstrar nenhuma reação.

ALENCAR  
Câncer?

TÚLIO  
Infelizmente. Dois tumores do  
tamanho de uma jabuticaba  
pequena.

ALENCAR  
(perplexo)  
Mas eu não sinto nada.

TÚLIO suspira levemente.

TÚLIO  
Tem feito esforço físico  
ultimamente?

INSERT:INT. CORREDOR. NOITE

ALENCAR arrastando um defunto por um extenso corredor.

VOLTA À CENA

ALENCAR  
Um pouco.

TÚLIO  
E não tem sentido náuseas?  
Tonturas? Dores de cabeça? Nada?

INSERT: INT.CORREDOR. NOITE

ALENCAR para no CORREDOR, soltando o defunto por um  
segundo, ele estala as costas e continua arrastando-o em  
seguida

VOLTA À CENA:

ALENCAR  
Não, nada. Me sinto bem.

TÚLIO brinca com a caneta em suas mãos, colocando ela  
contra seus lábios, pensativo.

TÚLIO  
Interessante. Bom...infelizmente  
você vai ter que ficar internado,  
Alencar. Sei que o seu seguro  
cobre...

ALENCAR  
Internado?

TÚLIO  
É claro, você tem câncer, não  
gripe. Não parece mas o câncer já

TÚLIO  
 está num estado avançado. Fala com a recepcionista pra marcar sua entrada e pra acertar todos os papéis. Vai pra casa hoje e volta amanhã cedo, pode trazer coisas do seu apartamento se quiser, você deve passar um bom tempo por aqui.

ALENCAR  
 Tem certeza mesmo?

TÚLIO se levanta e estende a mão para ALENCAR que também se coloca de pé, perplexo.

TÚLIO  
 Tenho. Sei que isso te pegou de surpresa. Tenta ficar tranqüilo, as suas chances não parecem muito boas agora, mas a esperança é a última que morre, né?

ALENCAR o olha, sem saber o que dizer.

CORTA PARA:

#19. INT. ESCRITÓRIO DO JORNAL. DIA

RODRIGO bate à porta, abrindo-a levemente e colocando sua cabeça por dentre o vão.

MÁRCIO, um homem de meia idade, já bem gordo e calvo está sentado detrás de uma mesa simples de madeira. Ele traja uma camisa social amassada. Com uma das mãos ele sinaliza para que outro entre.

RODRIGO adentra a sala, fechando a porta atrás de si, carregando uma pasta amarela em seus braços.

MÁRCIO  
 Que foi agora?

RODRIGO coloca a pasta sobre a mesa, se sentando em seguida.

RODRIGO  
 Já decidi sobre o que vou escrever na matéria.

MÁRCIO o olha com seriedade, folheando a pasta em seguida, seus dedos tateando as folhas de papel dentro da mesma.

Ele retira a primeira folha e sorri, observando o título.

MÁRCIO  
"Sorte de grego", título forte  
esse hein? É sobre o que  
exatamente?

RODRIGO  
É sobre umas mortes que vem  
ocorrendo nos últimos meses.  
Parecem infartos...

MÁRCIO suspira.

MÁRCIO  
Rodrigo, você passou sete anos da  
sua vida escrevendo obituários,  
você não acha que essa matéria é  
uma boa hora pra variar de tema,  
não?

RODRIGO  
Não consigo tirar essas mortes da  
cabeça.

MÁRCIO posiciona os óculos sobre os olhos e continua lendo  
com atenção, parando em seguida pra fitar o outro.

MÁRCIO  
E isso que você escreve aqui?  
Dessa coisa da sorte, dessas  
mortes...você tem base pra isso?

RODRIGO  
Andei investigando, e tem umas  
coincidências estranhas entre  
esses três casos.

MÁRCIO coloca a pasta na mesa e franze a testa, tirando os  
óculos.

RODRIGO  
Todos os três infartados tinham  
ganho alguma coisa boa antes de  
morrerem. A freira, por exemplo.  
Uma semana antes dela morrer o  
orfanato dela foi re-pintado. As  
outras freiras falaram que ela  
sempre quis pintar o orfanato,  
mas nunca conseguia juntar  
dinheiro pra comprar tinta, até  
que um belo dia, 40 latas de  
tinta foram deixadas durante a  
noite na porta do orfanato.

INSERT: EXT. FACHADA DO ORFANATO. DIA

A FREIRA se ajoelha perante uma grande pilha de latas de  
tinta, trazendo as mãos junto a si em prece, sorrindo para  
os céus.

VOLTA À CENA

MÁRCIO

Mas orfanatos recebem doações o tempo todo. Vai ver que foi alguém que não quis ser identificado.

RODRIGO

É, mas ela apareceu morta na semana seguinte com uma marca de agulha.

INSERT: INT. NECRÓTERIO. DIA

Uma gaveta com o corpo inerte da FREIRA é fechada.

VOLTA À CENA

MÁRCIO

Mas por que alguém ia querer matar uma freira?

RODRIGO

Parece que ela ia testemunhar em um caso de abuso infantil contra algum deputado a um tempo atrás, mas acabou desistindo sem dar explicação. Vai ver, quiseram ter certeza que ela não ia falar.

MÁRCIO balança a cabeça negativamente.

MÁRCIO

Isso tudo é muito vago.

RODRIGO

Pode ser, mas tem aquele juiz de futebol. Seus filhos falaram que ele sempre quis ter um cavalo, mas nunca conseguiu juntar dinheiro pra comprar um. Uma semana antes dele bater as botas adivinha o que acontece? Um manga-larga bem caro é comprado em seu nome no Jockey club. Todo mundo achou que tinha sido um presente de um tio rico, mas ele negou. Ninguém sabe quem comprou.

INSERT: EXT. JOCKEY CLUB. DIA

GERALDO posa para uma foto, satisfeito ao lado de um belo cavalo negro, um grande sorriso estampado no rosto.

VOLTA À CENA



MÁRCIO  
 (intrigado)  
 Geraldo alguma coisa. Lembro  
 desse juiz. Era o cara mais  
 correto em campo.

RODRIGO  
 Correto até demais. Ele já tava  
 incomodando algumas pessoas.

INSERT: INT. NECROTÉRIO. DIA

Uma gaveta é fechada com o corpo de GERALDO, inerte com um sorriso passivo no rosto.

VOLTA À CENA

MÁRCIO  
 Tá, talvez tenha alguma coisa  
 estranha nesses dois casos, mas  
 pode não passar de uma  
 coincidência.

RODRIGO concorda com a cabeça.

RODRIGO  
 Mas tem mais! Lembra do último  
 corpo? A policia disse que achou  
 na mochila dele 2 quilos de  
 cocaína colombiana. E além do  
 mais, todos os corpos tinham  
 marcas de agulha. Uma marca roxa.  
 Geralmente nas proximidades do  
 pescoço. Você não acha isso  
 estranho?

MÁRCIO  
 Você ta dizendo que tem um serial  
 killer por aí matando gente com  
 boa sorte?

RODRIGO balança a cabeça negativamente.

RODRIGO  
 É... só uma teoria, mas tem  
 alguma coisa de estranho nisso  
 tudo.

MÁRCIO suspira pesadamente, deixando os ombros relaxarem e penderem para trás.

MÁRCIO  
 Ta, tudo bem, eu vou ler sua  
 matéria com cuidado e assim que  
 eu terminar de revisar, eu te  
 aviso se eu vou publicar.  
 Isso vende, Rodrigo. Mas ta

MÁRCIO  
pouco. Tem que ter coisa mais  
consistente.

RODRIGO se empolga.

RODRIGO  
Mas você vai publicar? Preciso  
saber pra ver se tenho que  
escrever outra coisa.

MÁRCIO  
Não vamos passar o carro na  
frente dos bois. Se for pelo tema  
eu público, mas ainda tenho que  
revisar.

RODRIGO  
Você não vai encontrar problemas.

RODRIGO se levanta, se despedindo com um aceno.

MÁRCIO  
Te aviso depois. Mas vê se da  
próxima vez você consegue  
escrever sobre alguma coisa  
diferente, mais animada quem  
sabe.

RODRIGO  
(sorrindo)  
Vou tentar.

CORTA PARA:

#20. INT. APARTAMENTO DE ALENCAR 2/QUARTO. NOITE

ALENCAR está sentando em uma escrivaninha ao canto,  
recortando com uma tesoura um pedaço de jornal. Uma música  
de Wagner ecoa pelo ambiente.

Ele termina de recortar e deposita o pedaço de jornal em  
uma lâmina transparente. Pega uma pasta preta que está ao  
seu lado e coloca a lâmina com o recorte dentro dela.

Ele se levanta com um copo de leite em mãos, dando um gole  
e deixando-o quase vazio em um criado ao canto.

Se dirige ao espinho de fogo.

A mão de ALENCAR corta o ramo do espinho de fogo de forma  
cuidadosa, com um alicate de corte.

Ele derrama um pouco de água com um pequeno regador no  
vaso da planta, deixando o mesmo em uma superfície em  
seguida.

Uma pequena mala está aberta em cima da cama, seu interior contendo alguns livros.

O copo com um resto de leite pode ser visto em um criado mudo, ao lado de outra pequena muda de planta.

ALENCAR joga o ramo que cortou fora, em um pequeno lixo próximo a ele, pegando o vaso da planta em suas mãos.

Ele deposita a pasta preta na mala aberta.

ALENCAR pára, de pé, olhando ao redor, examinando seu quarto com atenção.

Sua vista para sobre as plantas, e depois sobre o armário aberto, metodicamente organizado.

Ele pega um envelope no criado, ao canto.

Se senta na cama, o envelope em seu colo, seus olhos caindo sobre um relógio, que marca 2:46 da manhã.

Abre o envelope, olhando o interior, que está repleto de notas de 100. Ele o fecha com um suspiro, colocando-o de lado sobre a cama.

Vira o rosto para a mala mais uma vez.

Seu foco se volta para o criado, onde ao lado do copo com o resto de leite, estão uma pequena caixa de madeira e sob ela, uma pasta parda, mais fina que a outra.

Com um sorriso e um suspiro, ALENCAR estica o braço e pega ambas nas mãos, depositando-as na mala em seguida.

Fecha a mala com gestos precisos.

Seu olhar pousa em seguida sobre o vaso em sua mão, ele se deixa observá-lo por um tempo, depois olha ao redor para as outras plantas.

CORTA PARA:

#21. EXT. FLORICULTURA/FACHADA. DIA

GENÁRIO caminha apressado com um cigarro nos lábios. Um carro de polícia está parado um pouco mais embaixo e um POLICIAL MAIS JOVEM tenta orientar algumas pessoas que se acumulam na calçada.

GENÁRIO aperta o passo, chegando ao portão da loja, notando que o cadeado do mesmo está cortado ao meio.

Um outro policial o nota, saindo do carro.

GENÁRIO olha o POLICIAL(MAIS VELHO) sério, seu olhar caindo sobre as poucas PESSOAS que se juntam, curiosas.

CORTA PARA:

#22. INT. FLORICULTURA. DIA

GENÁRIO abre o portão, que sobe verticalmente.

Uma grande quantidade de plantas agora ocupa as anteriormente vazias estantes da pequena loja, preenchendo todo o ambiente.

GENÁRIO as olha caminhando para dentro da loja, sendo acompanhado pelos dois POLICIAIS, que olham ao redor, indiferentes.

Ele caminha até o caixa e o abre notando o anteriormente vazio agora cheio de notas.

Ele pega um bolo de notas em mãos.

POLICIAL MAIS VELHO  
Precisamos fazer a ocorrência, ta  
faltando alguma coisa?

GENÁRIO levanta os olhos sem nada dizer.

CORTA PARA:

#23. INT. HOSPITAL . DIA

MONTAGEM DE PLANOS:

1) ALENCAR de pé em frente a um espelho, trajando um avental de paciente, olhando seu reflexo.

2) Um pequeno copo com pílulas é colocado em uma mesa vazia.

3) ALENCAR sentado em uma cadeira, seu cabelo sendo raspado por um ENFERMEIRO. Ele lê um jornal.

4) Outro pequeno copo com pílulas é colocado na mesa alinhado a outros copos.

5) ALENCAR olhando seu reflexo sem cabelos no espelho, alisando a cabeça.

6) Mais um copo com pílulas é deixado alinhado aos outros.

7) A enfermeira colocando cuidadosamente o espinho de fogo no criado ao lado da cama de ALENCAR.

8) Um último pequeno copo é deixado na mesa, dessa vez contendo gelatina vermelha, alinhado aos outros.

CORTA PARA:

#24. INT. QUARTO DE HOSPITAL. DIA

Uma ENFERMEIRA coloca um jornal sobre a mesa de lanches da cama de hospital de ALENCAR, que se assusta com o gesto mas se apressa em dar um sorriso simpático a jovem que agora lhe troca o soro.

ENFERMEIRA 1  
Você pediu o jornal?

ALENCAR  
Ah sim, obrigado.

A ENFERMEIRA mexe nos aparatos com cuidado, enquanto fala.

ENFERMEIRA 1  
Odeio lê jornal, só tem notícia ruim.

ALENCAR folheia os cadernos, abrindo o com cuidado, observando com atenção.

ALENCAR  
(sorrindo)  
Às vezes a gente acha alguma coisa boa.

Ele folheia, prendendo a respiração ao ver uma matéria em particular, seu semblante se tornando imediatamente mais sério.

O título que encabeça a mesma está em caixa alta, "SORTE DE GREGO", e abaixo estão as fotos dos três cadáveres anteriores.

A ENFERMEIRA termina seu trabalho, pendurando a bolsa de soro no cabideiro ao lado da cama.

ALENCAR analisa a matéria, lendo com interesse, e fala sem tirar os olhos do jornal.

ALENCAR  
Será que você pode me emprestar uma tesoura?

ENFERMEIRA 1  
Tesoura? Pra quê?

ALENCAR  
É uma mania que eu tenho. Gosto de recortar matérias que me interessam.

A ENFERMEIRA aperta os olhos para ler as letras da página.

ENFERMEIRA 1  
 Nossa, credo. Você gosta dessas coisas?

ALENCAR  
 (sorrindo)  
 Humm...Digamos que sim.

A ENFERMEIRA sorri, pegando a página rasgando a matéria com a mão, entregando ambos a ALENCAR.

ENFERMEIRA 1  
 Pronto...aí...não precisa mais de tesoura.

ALENCAR  
 Obrigado.

ENFERMEIRA 1  
 Disponha. Agora tenta relaxar, lê seu jornal tranqüilo aí que mais tarde eu volto pra saber como você tá.

ALENCAR  
 Pode deixar, obrigado.

ENFERMEIRA 1  
 De nada, se precisar de alguma coisa, me chama.

A ENFERMEIRA lhe mostra o botão de chamá-la. ALENCAR lhe dá um aceno de cabeça e ela então sai do quarto com passos serenos, deixando ALENCAR sozinho.

Ele finalmente volta sua atenção para a matéria.

CORTA PARA:

#25. INT. RESTAURANTE. NOITE

RODRIGO e MARISA estão sentados em uma mesa para dois, ao canto de um confortável restaurante, ambos trajando roupas levemente arrumadas.

RODRIGO come de um prato modesto, com um grande quantidade de salada, enquanto MARISA come em prato um pouco maior, com uma massa de molho branco.

Ela bebe vinho e ele bebe refrigerante, em um copo com gelo.

MARISA  
 (de boca cheia)  
 Hum, agora lembrei por que eu gosto tanto desse lugar. É o melhor macarrão que eu já comi.

RODRIGO  
A gente pode vir aqui mais vezes.

MARISA  
Eu não ia reclamar.

Os dois sorriem, e MARISA dá mais uma garfada.

RODRIGO a observa com interesse, ficando calado por algum tempo.

MARISA  
Ta tudo bem? Você ta um pouco estranho.

RODRIGO  
Só tô pensando demais.

MARISA  
Pensando em quê? Você não ta feliz com a matéria e tudo mais?

RODRIGO  
É...tô... Mas tomara que eu consiga escrever outras.

MARISA sorri, observando-o.

MARISA  
Calma. Você acabou de publicar uma, essas coisas se resolvem. Come tranqüilo que a gente tá aqui pra comemorar. Se nada der certo depois, pelo menos você ganhou um pouco mais de dinheiro esse mês.

RODRIGO sorri, concordando, e levanta o seu copo em um brinde.

MARISA levanta sua taça em resposta, sorrindo.

Os dois continuam comendo e bebendo, se olhando de vez em quando.

CORTA PARA:

#26. INT. CARRO DE RODRIGO. NOITE

RODRIGO dirige o carro, sonolento, trajando a mesma camisa social de antes, levemente amassada, os botões da gola abertos.

Ao seu lado, no banco do passageiro, está MARISA, com os olhos fechados e a cabeça pendendo para o lado, adormecida.

O rádio toca uma música suave bem baixo enquanto as luzes da cidade passam refletidas no vidro do para brisa.

Após algum tempo, um celular começa a tocar, fazendo com que MARISA se espreguice no banco, ainda sem despertar.

RODRIGO olha a esposa e sorri, pegando o aparelho em seu bolso e levando-o a orelha, abaixando o volume do rádio.

RODRIGO

Alô?

ALENCAR (O.S.)

Sorte de grego, de onde você tirou esse título?

RODRIGO

Quem tá falando?

INSERT: INT. HOSPITAL/CORREDOR. NOITE

ALENCAR está de pé em frente a um telefone público situado no meio de um corredor pouco iluminado, trajando um avental de paciente e levando consigo seu cabideiro de soro.

ALENCAR

Foi da infeliz sucessão de fatos que aconteceu com os que morreram, ou foi só um título esperto pra tentar chamar a atenção do leitor pra sua matéria?

VOLTA À CENA

RODRIGO continua dirigindo, intrigado.

ALENCAR (O.S.)

Achei interessante, só que eu não sou esse psicopata que você escreveu. Eu tenho uma profissão, não sou um doente mental.

RODRIGO olha para MARISA, que ainda dorme fundo, e vira o volante, encostando o carro.

RODRIGO

Você ta brincando comigo?

INSERT: INT. HOSPITAL/CORREDOR. NOITE

ALENCAR sorri.

ALENCAR

Fiquei impressionado com o que você descobriu. Nunca esperei que



ALENCAR  
alguém fosse notar. Sempre fui fã  
do que você escreve, mas nessa  
você se superou.

VOLTA À CENA:

RODRIGO apóia as mãos no volante e pende a cabeça,  
tornando a levantá-la, sorrindo de nervosismo.

RODRIGO  
Como assim? Eu escrevo  
obituários.

RODRIGO respira fundo. Em seu rosto surge uma expressão de  
compreensão.

RODRIGO  
(titubeando)  
É... você..

ALENCAR (O.S.)  
Você já sabe com quem está  
falando?

RODRIGO  
Acho que sim... o que você quer  
comigo?

INSERT: INT. HOSPITAL/CORREDOR. NOITE

Um barulho pode ser ouvido ao fundo do corredor, fazendo  
com que ALENCAR olhe para os lados, apreensivo.

ALENCAR  
Só quero conversar.

VOLTA À CENA

MARISA, solta um bocejo, se virando para o outro lado,  
ainda mantendo os olhos fechados.

RODRIGO  
Você quer conversar? Conversar  
sobre o quê?

ALENCAR (O.S.)  
Sobre estender essa sua matéria,  
esclarecer algumas coisas que não  
ficaram muito claras, contar  
minha história.

RODRIGO  
Contar sua história, pra mim?

INSERT: INT. HOSPITAL/CORREDOR. NOITE

ALENCAR  
Claro, por que não? Eu só vou  
contar uns fatos.

RODRIGO hesita por um tempo.

RODRIGO  
E como vou saber se você é mesmo  
o...

INSERT: INT. HOSPITAL/CORREDOR. NOITE

ALENCAR  
Cloreto de potássio.

RODRIGO (O.S.)  
O quê?

ALENCAR  
Não deixa rastros, e induz uma  
parada cardíaca quase que  
imediatamente.

VOLTA À CENA

RODRIGO  
Era isso que estava nas seringas?

ALENCAR (O.S.)  
Exatamente, convencido?

RODRIGO pega no porta-luvas um bloco de papel pequeno e  
uma caneta, movendo-se com cuidado pra não despertar sua  
esposa.

RODRIGO  
Nem perto disso.

ALENCAR (O.S.)  
Bom, se você quiser ter certeza  
aparece na Afonso Ribeiro, 456, a  
partir das 10 da manhã, é só  
perguntar por Alencar Pereira de  
Castro.

RODRIGO começa a anotar o endereço.

RODRIGO  
Você não tem medo de que eu ligue  
pra polícia?

INSERT: INT. HOSPITAL/CORREDOR. NOITE

ALENCAR  
Você não vai ligar. E se eles  
vierem não vão encontrar nada  
demais. E depois eu ainda posso  
te processar por danos morais.

RODRIGO (O.S.)

Humm...

VOLTA À CENA

RODRIGO segue anotando até que estaca, franzindo a testa.

RODRIGO

(irônico)

Eu devo avisar alguém? Ou você me garante que eu volto vivo?

ALENCAR (O.S.)

Boa noite, Rodrigo.

ALENCAR desliga o telefone.

RODRIGO, surpreso olha para seu celular durante um tempo.

Em seguida ele sorri, guardando o papel no bolso da calça.

INSERT: INT. HOSPITAL/CORREDOR. NOITE

ALENCAR caminha pelo corredor, andando com cuidado, levando o soro e deixando o telefone para trás.

A ENFERMEIRA 2 surge ao final do corredor, o alcançando com passos rápidos.

ENFERMEIRA 2

O senhor sabe que não pode ficar fora do quarto essa hora.

ALENCAR

(sorrindo)

Só tava arejando a cabeça.

VOLTA À CENA

Após alguns instantes MARISA se mexe novamente, despertando.

MARISA

Já chegamos em casa?

RODRIGO a olha, sorrindo, sem nada falar.

CORTA PARA:

#27. INT. RECEPÇÃO DO HOSPITAL. DIA

RODRIGO caminha pelas portas de vidro da entrada de um hospital limpo e de boa aparência, olhando ao redor, surpreso.

Ele se deixa observar o lugar por um tempo, parado ao canto, se dirigindo em seguida até a RECEPCIONISTA que lhe sorri.

RECEPCIONISTA DO HOSPITAL  
Posso ajudar?

RODRIGO  
(sem jeito)  
É...Alencar Pereira de Castro.

A RECEPCIONISTA digita algumas teclas em um computador, olhando RODRIGO em seguida.

Ela o entrega um crachá de visitante e uma prancheta.

RECEPCIONISTA DO HOSPITAL  
(enquanto entrega)  
Quarto 601. É só pegar o elevador pro sexto e virar a direita, é o terceiro quarto depois do bebedouro.

Rodrigo pega o crachá e assina seu nome na prancheta.

RODRIGO  
Obrigado.

Rodrigo segue até o elevador.

CORTA PARA:

#28. INT. CORREDOR DO HOSPITAL. DIA

As portas do elevador se abrem e RODRIGO sai, olhando ao redor e seguindo a sua direita, caminhando com passos rápidos até o terceiro quarto depois do bebedouro, parando à porta e olhando o interior do quarto.

CORTA PARA:

#29. INT. QUARTO DO HOSPITAL. DIA

ALENCAR está sentado em sua cama lendo um jornal enquanto um ENFERMEIRO lhe coloca eletrodos ao peito.

Ele se mantém tranqüilo, e não nota a presença de RODRIGO que espera.

Após alguns instantes RODRIGO finalmente bate a porta já aberta, chamando a atenção dos outros dois.

ENFERMEIRO 1  
Que foi?

RODRIGO  
Alencar?

ENFERMEIRO 1  
(para ALENCAR)  
É o sobrinho? Já tô terminando.

ALENCAR  
Senta, fica à vontade.

RODRIGO  
(confuso)  
Ah, obrigado.

RODRIGO então se dirige até uma confortável poltrona ao canto.

ALENCAR  
(sorrindo)  
Tô me sentindo uma torradeira.

O ENFERMEIRO 1 sorri enquanto ALENCAR fecha os botões de sua camisa.

ENFERMEIRO 1  
Uma torradeira é mais bonita...

ALENCAR  
Mas eu tenho mais personalidade.

ENFERMEIRO 1  
Isso eu não discuto.

O ENFERMEIRO então se dirige até a porta se despedindo dos dois com um aceno de cabeça.

RODRIGO observa o quarto, seu olhar caindo sobre o monitor cardíaco, e depois sobre ALENCAR, que o observa.

Após algum tempo de silêncio, ambos se olhando, RODRIGO decide falar.

RODRIGO  
Eu sou seu sobrinho?

ALENCAR  
Eu tinha que inventar alguma coisa.

Um longo silêncio se estabelece entre os dois, RODRIGO olhando ao redor, sem jeito.

ALENCAR batuca com os dedos no canto da cama, observando o outro.

O celular de Rodrigo toca. Ele atende.

RODRIGO  
Alô? Ei. Ta tudo bem?. Tô bem.  
É... aqui no centro...Pode  
deixar. Nove horas eu tô aí.  
Beijo. Tchau.

Ele desliga o celular.

ALENCAR  
Você não devia usar isso tanto,  
pode te deixar careca.

RODRIGO  
Acredita mesmo nisso?

ALENCAR  
É...de onde eu tô, eu não duvido  
de mais nada.

RODRIGO sorri sem graça.

ALENCAR  
Era sua namorada?

RODRIGO  
Esposa.

ALENCAR  
Não devia ter tanta certeza de  
que horas vai chegar em casa.

RODRIGO  
Estou tranquilo quanto a isso.

ALENCAR  
Hãh...

ALENCAR sorri um pouco, analisando o outro.

RODRIGO  
Você não é nada que eu esperava.

ALENCAR  
Tava esperando o quê?

RODRIGO  
Talvez um sujeito mais magro e  
cheio de olheiras. Com uma cara  
meio assim... de psicopata.

Ambos sorriem.

RODRIGO retira de sua mochila um pequeno gravador,  
colocando-o no criado ao lado.

RODRIGO  
Posso gravar?

ALENCAR  
Fique à vontade.

Mais um segundo de silêncio se segue.

RODRIGO  
Bom, e então, por onde vamos  
começar?

ALENCAR  
Você é quem me diz, você é o  
jornalista, por onde quer que eu  
comece?

RODRIGO  
Ok então, do começo, como você  
entrou nessa?

ALENCAR  
(irônico)  
Como assim, nessa?

RODRIGO  
(sem jeito)  
É, como você começou, nessa,  
é, nessa sua profissão?

ALENCAR  
É...digamos que... eu vi um  
fantasma.

CORTA PARA:

#30. INT. CAFÉ 1. DIA (1993)

Um simples café. Iluminação baixa. Um ventilador de teto  
que gira bem silenciosamente.

Na Jukebox toca uma leve música pop.

ALENCAR, anos mais jovem, trajando uma roupa simples e  
casual por baixo de um avental preto, lava os copos detrás  
de um balcão.

Do outro lado está HENRIQUE, um jovem barbado que traja  
roupas levemente surradas, por baixo de outro avental.

O café está bem vazio e somente um casal troca beijos em  
uma mesa ao canto, algumas das outras mesas já com as  
cadeiras em cima.

ALENCAR

Ele é uma bosta. Nem entonação tem direito, porra.

HENRIQUE

Pára com isso. O cara tem a manha. Você não ganhou o papel e pronto, pô. Ele foi bem melhor.

ALENCAR

O cara não tem nada a ver com o papel.

HENRIQUE gesticula de forma exagerada, zombando do amigo.

HENRIQUE

(sorrindo)

Que isso, Alencar! O Ricardo tem mó pinta de cafetão. Você que num ia convencer ninguém com essa cara de moleque.

ALENCAR balança a cabeça negativamente, sorrindo levemente.

ALENCAR

Acho que eu vou desistir, cara. Não consigo nenhum papel legal.

HENRIQUE

É a vida, meu velho. E se desistir fica pior.

ALENCAR

Sei não.

O ultimo casal se levanta, despedindo-se de HENRIQUE.

HENRIQUE

(sorrindo)

Tchau.

O casal sai.

Antes que a porta se feche, MAURO, um homem grande, de aparência soturna, a segura, entrando no café.

Ele se dirige a uma mesa pequena e se senta.

ALENCAR ainda não o nota, lavando copos sem levantar os olhos e HENRIQUE solta um suspiro, falando baixo.

HENRIQUE

Aí...Que beleza. Sempre chega um babaca na hora de fechar.

ALENCAR ainda não levanta os olhos, e dá um sorriso, sem nada dizer.



HENRIQUE caminha até MAURO, lhe dando um sorriso.

HENRIQUE  
Pois não, senhor.

MAURO  
Um whisky duplo, sem gelo.

Ao ouvir a voz, ALENCAR levanta os olhos, notando a figura de MAURO, seu semblante imediatamente se tornando mais sério.

A música pára, e o Jukebox ao canto se aciona, levando um disco até o tocador, tocando uma música arranhada, repetindo.

ALENCAR se deixa observá-lo por longos instantes, intrigado.

Em sua testa pequenas gotas de suor surgem.

O ventilador de teto continua a se mover, mas desta vez suas hélices produzem um som grave.

HENRIQUE se aproxima do balcão mas seus passos não fazem barulho.

ALENCAR não altera seu foco de MAURO, que olha ao redor, cansado.

HENRIQUE se apóia no balcão.

ALENCAR se assusta com o gesto e bate em um copo, cortando a mão.

O disco volta ao normal e som ambiente soa livre novamente.

HENRIQUE  
Caralho, que isso cara?

ALENCAR olha ao redor sem saber o que fazer, e corre em direção ao banheiro.

CORTA PARA:

#31. INT. BANHEIRO DO CAFÉ 1. NOITE

ALENCAR abre a torneira e deixa a água cair sobre seu corte, franzindo o rosto de dor.

Ele alisa a testa, limpando o suor e olhando seu reflexo.

Em seguida, pega uma folha de papel toalha pra estancar o sangramento.

Voltando a encarar seu reflexo ele se vê sério no espelho.

HENRIQUE abre a porta.

HENRIQUE  
Você tá bem, cara?

ALENCAR, tirando seu avental preto, e lavando o rosto nada responde.

HENRIQUE o olha mas segue em direção a um mictório , usando-o em seguida.

HENRIQUE  
Você acredita? O cara pede uma dupla de whisky, vira ela numa golada, paga com uma nota de cem e vai embora.

INSERT:

MAURO vira a dose de whisky em um gole, o copo bate contra a mesa.

Uma nota de cem é deixada ao lado do copo.

VOLTA À CENA

ALENCAR enxuga o rosto e joga o papel toalha fora.

ALENCAR  
(apressado)  
Cara, segura essa pra mim. Tenho que ir, eu...eu não tô bem...

ALENCAR então sai apressado, sem nem esperar a resposta do outro, deixando a porta bater.

CORTA PARA:

#32. EXT. FACHADA DO CAFÉ 1. NOITE

ALENCAR olha ao redor, procurando MAURO, sem notar ninguém.

Percebendo sua silhueta em uma esquina mais a frente, ALENCAR vai em sua direção.

CORTA PARA:

#33. EXT. RUA DA CIDADE 2. NOITE

MAURO caminha com passos lentos por uma rua pouco movimentada.

ALENCAR surge dobrando a esquina, mantendo-se um pouco à distância, seguindo o outro.

CORTA PARA:

## #34. EXT. HOTEL(2)/FACHADA. NOITE

MAURO caminha devagar e entra pela porta de entrada de um hotel de boa aparência.

Após alguns instantes, surge do outro lado da rua ALENCAR jovem, parando por um tempo para contemplar o hotel.

Ele alisa os cabelos, se agachando, tenso, suando bastante.

CORTA PARA:

## #35. INT. HOTEL(2)/SAGUÃO. NOITE

Pessoas transitam por um largo saguão bem decorado.

A porta de um elevador se fecha devagar, MAURO dentro do mesmo.

ALENCAR, parado junto a porta de entrada, observa o painel luminoso que indica o número dos andares.

O RECEPCIONISTA está distraído, conversando com um TURISTA que fala alto em uma língua desconhecida.

O número 4 se acende.

ALENCAR percebe as escadas vazias ao canto e segue em sua direção sem ser notado.

CORTA PARA:

## #36. INT. HOTEL(2)/CORREDOR DO QUARTO ANDAR. NOITE

Um carrinho de serviço com roupas em cabides é empurrado por um corredor encarpetado, parando diante de uma porta, frente ao elevador.

O CARREGADOR do hotel, bate à porta, distraído.

As portas do elevador se abrem e MAURO se vê preso atrás do carrinho.

Uma HOSPÉDE abre a porta, recebendo um vestido.

MAURO empurra o carrinho, para conseguir passagem.

O CARREGADOR pede desculpas com um gesto de cabeça.

MAURO se afasta, parando diante do quarto 407, mais ao fundo no corredor.

Quando está prestes a abrir a porta, o CARREGADOR lhe faz gesto, trazendo um terno cinza em um cabide, seguro em uma das mãos.

ALENCAR surge nas escadas, espiando o corredor.

MAURO pega o terno e paga com uma nota o CARREGADOR.

ALENCAR olha os dois ao fundo do corredor, enquanto caminha em direção ao elevador.

O CARREGADOR se afasta de MAURO, voltando ao seu carrinho.

MAURO abre a porta e entra.

ALENCAR o observa com atenção.

A porta se fecha.

CORTA PARA:

#37. INT. APARTAMENTO VAZIO. DIA (1976)

O PAI DE ALENCAR está pintando a parede junto a janela, trajando um macacão de pintor todo sujo de tinta, segurando um rolo de espuma em uma das mãos.

ALENCAR, com aproximadamente 6 anos de idade, brinca com um pincel e uma lata de tinta vermelha, derrubando gotas em um jornal ao chão, no outro canto da sala.

ALENCAR CRIANÇA

A gente vai no cinema pai?

PAI DE ALENCAR

(sem se virar)

Já disse. Assim que eu acabar aqui a gente vai. E cuidado, se não você vai sujar sua roupa.

MAURO surge na porta, trajando um terno bem alinhado, caminhando com passos silenciosos até o PAI DE ALENCAR.

MAURO

Boa tarde.

PAI DE ALENCAR

Boa tarde.

ALENCAR CRIANÇA continua sua brincadeira sem lhes dar atenção e sem ser notado.

MAURO

(olhando para as paredes)

Tá ficando muito bom, hein?

PAI DE ALENCAR  
É. Falta só terminar a última  
mão.

O PAI de ALENCAR se apóia na janela, de costas pra mesma, sorrindo para MAURO, que se aproxima devagar.

PAI DE ALENCAR  
Você é o proprietário?

MAURO sorri, meneando a cabeça negativamente, colocando luvas de couro enquanto caminha na direção do outro.

PAI DE ALENCAR  
Peraí, o que que tá acontecendo?

MAURO chega bem perto do PAI DE ALENCAR e lhe analisa ameaçadoramente.

PAI DE ALENCAR  
Que isso? Que que você tá  
fazendo?

MAURO  
O meu trabalho.

MAURO empurra o PAI DE ALENCAR pela janela, fazendo com que o mesmo solte um grito estridente.

MAURO então se vira para ir embora, arrumando as luvas, quando nota ALENCAR CRIANÇA de pé, observando-o, assustado, o pincel em sua mão deixando cair pingos da tinta vermelha no assoalho.

MAURO encara a criança e, após longos segundos, sai do apartamento, deixando-o para atrás.

ALENCAR CRIANÇA fita a janela vazia, suas mãos tremendo levemente.

CORTA PARA:

#38. INT. QUARTO DE HOSPITAL. DIA (2010)

A ENFERMEIRA 1 surge na porta, batendo na mesma e sorrindo.

ENFERMEIRA 1  
Licença...Vamo trocar o soro?

ALENCAR  
(sorrindo)  
Ah, claro. Minha parte favorita  
do dia.

A ENFERMEIRA 1 sorri para RODRIGO, se dirigindo até a cama e retirando a mangueira do soro do encaixe preso a veia da mão de ALENCAR, que franze o rosto.

ENFERMEIRA 1  
(sorrindo)  
Você não me disse que tinha um sobrinho.

ALENCAR  
Tem só duas semanas que eu tô aqui. Tem muito da minha vida que você não sabe.

ENFERMEIRA 1  
(olhando para Rodrigo)  
E olha que ele fala demais.

ALENCAR  
Olha só. Até parece que eu dei intimidade pra falar assim...

ENFERMEIRA 1  
E a sua irmã, não vem te ver também não?

ALENCAR balança a cabeça negativamente.

ALENCAR  
Ahh...Ela morreu cedo...  
Gonorréia. Era muito promíscua.  
Ele nem sabe quem é o pai dele,  
coitado.

A ENFERMEIRA 1 sorri balançando a cabeça, conectando uma nova bolsa de soro ao encaixe da veia.

ENFERMEIRA 1  
Pronto. Agora você só vai me ver na hora do almoço.

ALENCAR  
Isso corta meu coração.

A ENFERMEIRA 1 despede-se dos dois e sai do quarto.

RODRIGO observa ALENCAR.

RODRIGO  
Você parece estar bem pra situação.

ALENCAR  
Fazer o quê, né...

RODRIGO  
 Mas continua...Você tinha seguido  
 o tal assassino do seu pai.

ALENCAR  
 Ah é.

CORTA PARA:

#39. INT. ESCRITÓRIO DO CAFÉ 1. DIA (1993)

ALENCAR está de pé diante de uma escrivaninha em um  
 escritório pequeno.

Um ventilador a um canto, suas hélices se mexendo.

SENHOR TAVARES fecha a porta atrás dele e se dirige ao  
 outro lado do móvel, abrindo um pequeno cofre atrás de si.

ALENCAR se mantém atento ao movimento dos dedos do outro  
 enquanto ele gira o segredo.

SENHOR TAVARES fala enquanto abre o segredo.

SENHOR TAVARES  
 Semana passada foi boa, hein?

ALENCAR fica calado, ainda prestando atenção nas mãos do  
 outro.

SENHOR TAVARES  
 Dois copos quebrados, um dia sai  
 mais cedo, outro dia não aparece,  
 ta achando que isso aqui é o quê?

O cofre se abre, e SENHOR TAVARES coloca um maço de notas  
 que tira de seu bolso dentro do mesmo.

Ao lado de uma quantidade boa de dinheiro estão alguns  
 livros e uma pistola prateada com o cabo de madeira.

ALENCAR aperta os olhos. SENHOR TAVARES fecha cofre.

SENHOR TAVARES  
 Não vai falar nada, não?

CORTA PARA:

#40. INT. HOTEL(2)/RECEPÇÃO. NOITE

Uma "máscara" fechada no cabo da pistola prateada que  
 ALENCAR leva as costas se abre, revelando a totalidade do  
 mesmo saguão de hotel.

ALENCAR joga a blusa por cima da arma, indo em direção à  
 recepção.

Em suas mãos uma garrafa de whisky embrulhada em uma fita dourada.

Ele traja roupas casuais e um boné, e carrega de lado uma mochila, segurando apenas uma alça, do lado oposto em que se encontra a arma.

Ele vai em direção à escada, mas o recepcionista o nota, chamando-o.

RECEPCIONISTA DE HOTEL 1

Pois não?

Ele se apóia no balcão e sorri para o RECEPCIONISTA DE HOTEL

ALENCAR

Por favor, um amigo meu me pediu pra entregar isso aqui.

RECEPCIONISTA DE HOTEL 1

Qual é o nome do hóspede, senhor?

ALENCAR alisa a testa, se apoiando no balcão, pendendo a cabeça.

ALENCAR

Humm...é o do quarto 407.

RECEPCIONISTA DE HOTEL 1

Sim... 407, pode deixar que eu entrego pro senhor.

ALENCAR

Olha...não posso... Sabe quanto custa essa garrafa aqui? Eu só posso entregar pra ele...ou então pro gerente.

RECEPCIONISTA DE HOTEL 1

Mas esse hóspede já pediu pra não ser incomodado essa noite.

ALENCAR

Então acho que você vai ter que chamar o gerente.

O RECEPCIONISTA DE HOTEL o olha com uma cara de desdém.

RECEPCIONISTA DE HOTEL 1

Pois não.

Ele sai, em direção a uma porta mais ao fundo.

Vemos a porta fechada pelo recepcionista por um bom tempo.

Quando retorna, o RECEPCIONISTA DE HOTEL 1 se aproxima do balcão.



A garrafa de whisky embrulhada está sobre o mesmo.

Ele a pega em mãos, olhando intrigado para a ela.

CORTA PARA:

#41. INT. HOSPITAL(2)/CORREDOR DO QUARTO ANDAR. NOITE

ALENCAR sobe a última escada com cuidado, parando para observar o corredor vazio.

ALENCAR segue até o final do mesmo, mantendo-se cuidadoso, caminhando sem fazer barulho.

Ele então para diante da porta 407, olhando-a fixamente.

Tenso, ele tira a arma de trás da cintura.

Leva o braço para bater à porta.

Nesse momento, um forte barulho, como se algo caísse ao chão, pode ser ouvido, vindo de dentro do quarto.

ALENCAR se assusta, escondendo a arma por um instante, mas logo depois coloca o ouvido contra a porta, tentando ouvir algo.

Nada além do silêncio pode ser ouvido. ALENCAR olha ao redor, confuso.

Ele gira a maçaneta, fazendo que a porta se abra.

A porta se movimenta um pouco, mas é detida pela corrente de retenção interna.

ALENCAR então força um pouco mais a porta quebrando a corrente.

CORTA PARA:

#42. INT. HOTEL(2)/QUARTO 407. NOITE

ALENCAR caminha com cuidado, fechando a porta atrás de si silenciosamente.

O quarto está repleto de poeira, e a cama de casal está desarrumada.

A luz está apagada, e só se pode ver a luz que sai da porta do banheiro que está aberta.

Uma pequena TV de tubo passa um filme com o som muito baixo.

Após deixar sua mochila em cima da cama, ALENCAR caminha até a porta do banheiro, tenso.

CORTA PARA:

#43. INT. HOTEL(2)/BANHEIRO. NOITE

Ao chegar à soleira da porta do banheiro, ALENCAR pára, olhando perplexo, deixando o braço que leva a arma pender pra baixo.

O corpo de MAURO está pendendo do teto, com um fio de plástico dando várias voltas em seu pescoço, preso ao suporte da cortina do chuveiro, fazendo com que seus pés se curvem, quase tocando o chão.

ALENCAR se deixa observar o cadáver, até que se aproxima, tocando-o na altura do peito.

Ele pega uma das mãos de MAURO e mede o pulso, dando passos para trás após constatar a morte.

CORTA PARA:

#44. INT. HOTEL(2)/QUARTO 407. NOITE

ALENCAR se senta na cama, deixando a pistola em um criado mudo, ao canto.

Se recosta, olhando fixo pro teto, ainda perplexo.

Após alguns segundos, ele fecha os olhos.

CORTA PARA:

#45. INT. HOTEL(2)/QUARTO 407. NOITE (MAIS TARDE)

ALENCAR abre os olhos subitamente, sendo desperto por um insistente toque de um celular.

Ele olha ao redor procurando o aparelho, e encontra um grande celular (década de 90) no móvel da TV, ao lado da mesma.

Ele se levanta e pega-o nas mãos, hesitando em atendê-lo.

Por fim aperta o botão e coloca-o na orelha.

Do outro lado da linha uma VOZ masculina fala.

VOZ (O.S.)

Praça da Estação, segundo banco  
depois das fontes. 2:30.

Após dizer isso o telefone é desligado.

ALENCAR pega sua mochila, virando-se em seguida e saindo pela porta.

CORTA PARA:

#46. EXT. PRAÇA DA ESTAÇÃO. NOITE

É madrugada. A praça está vazia. Algumas pessoas passam, parecendo que voltam de alguma festa.

ALENCAR caminha devagar, mantendo uma das mãos tencionada sobre a alça da mochila.

Ele passa pela fonte, estacando diante do segundo banco depois da mesma.

Olhando mais uma vez para os lados ele se senta, inclinando seu corpo pra frente.

Com uma das mãos ele tateia a parte de baixo do banco, parando ao alcançar um envelope amarelo, preso ao banco por fita adesiva.

ALENCAR então a puxa, mantendo-se atento as pessoas que passam.

Ele checa o conteúdo do pacote, percebendo que dentro estão dois grandes bolos de notas presas por uma tira de papel.

Ele as conta, perplexo, e colocando-as em sua mochila deixando esta aberta e aos seus pés.

Mais ao fundo do envelope, ALENCAR descobre uma pequena pasta, cujo o interior revelam três fotos de ROGÉRIO, um homem de aproximadamente 30 anos de idade, bem vestido e de boa aparência, e uma folha com um endereço, a foto de uma fachada de um hotel, e o nome.

Ele se deixa ficar ali, contemplando a pasta.

Após alguns instantes o celular começa a tocar, seu som abafado saindo da mochila.

ALENCAR o retira de dentro da mesma e o olha por um instante antes de levá-lo a orelha.

VOZ (O.S.)

Duas semanas. O dobro do dinheiro  
quando terminar. Você aceita?

ALENCAR nada diz por um tempo, seus olhos caindo sobre as fotos do homem e em seguida para um dos maços de dinheiro aparecendo do interior da mochila.

Ele finalmente fala com uma voz firme.

ALENCAR

Aceito.

O telefone é desligado, mas ALENCAR o mantém no ouvido, seu olhar é distante.

CORTA PARA:

#47. INT. QUARTO DE HOSPITAL. TARDE (2010)

RODRIGO olha para o seu gravador, pensativo.

RODRIGO

Você aceitou assim, rápido desse jeito?

ALENCAR

Foi tudo muito natural pra mim. Eu não sabia direito o que tava acontecendo. Simplesmente não via outra resposta.

RODRIGO

Sim, mas você não parou pra pensar nem um segundo? Você tinha emprego, uma vida estruturada...

ALENCAR

Acho que eu queria ver no que ia dar.

RODRIGO

Eu ainda não consigo entender.

ALENCAR

Talvez nem eu entenda. Mas o tempo todo eu costumava pensar sobre essa coisa de moral, sobre o certo e o errado. Mas a verdade é que eu sempre tendi pro lado errado. Aquele dia no hotel, eu descobri que podia matar. Depois disso eu só precisava de uma oportunidade. E eu não tinha muito o que abandonar.

Rodrigo se mantém quieto.

ALENCAR

Vai dizer que você não faria isso?

RODRIGO

(meneando a cabeça)

Não sei, acho...que...que ia acabar fazendo.

ALENCAR  
 (sorrindo)  
 Sorte é uma mistura de  
 oportunidade e preparo, esse tipo  
 de coisa não aparece todo dia.  
 Claro que eu me  
 arrisquei...mas...

RODRIGO concorda com um aceno de cabeça pausado, sorrindo em seguida.

É então que o doutor TÚLIO surge na porta do quarto, carregando em sua mão uma prancheta de metal.

Ele bate devagar na porta aberta, sinalizando sua presença.

TÚLIO  
 Não sabia que você tinha visita,  
 Alencar! Quem é o rapaz?

ALENCAR  
 É o Rodrigo, meu sobrinho.

TÚLIO  
 Prazer.

RODRIGO  
 Prazer.

TÚLIO sorri, se virando para ALENCAR.

TÚLIO  
 Olha, sua sessão de quimio é  
 daqui a meia hora. A conversa de  
 vocês vai ter que esperar outro  
 dia...

RODRIGO  
 Ah claro, volto amanhã cedo.

ALENCAR  
 Sabe como é, o dever me chama.

TÚLIO se dirige para a porta.

TÚLIO  
 Bom, a enfermeira vem daqui a dez  
 minutos pra te pegar. Vou deixar  
 vocês se despedirem.

TÚLIO sai com passos apressados pelo o corredor.

RODRIGO então recolhe seu gravador, colocando o na mesma pasta, e depois levantando os olhos para ALENCAR.

RODRIGO  
Amanhã, mesma hora?

ALENCAR  
Certo.

RODRIGO então sorri levemente.

RODRIGO  
Boa sorte aí.

ALENCAR  
Obrigado, boa sorte lá.

RODRIGO  
(sorrindo)  
Obrigado.

RODRIGO vai saindo do quarto.

ALENCAR  
Espera, tenho uma coisa pra te  
mostrar.

Rodrigo pára.

ALENCAR  
(apontando)  
Ta vendo aquela caixa ali, no  
criado? Pega uma pasta preta  
dentro dela.

RODRIGO se dirige até a caixa, pegando a pasta.

Ele começa a folheá-la devagar, passando cada página com cuidado, uma expressão de surpresa tomando seu rosto.

Nas páginas de plástico é possível ver diversos recortes de obituários de jornal, organizados de forma metódica em sua superfície transparente.

ALENCAR  
Não tava brincando quando disse  
que gostava do que você escrevia.

O rosto de RODRIGO sai de uma expressão de surpresa para uma de incredulidade.

RODRIGO  
Todas essas pessoas foram  
serviços seus?

ALENCAR balança a cabeça positivamente. RODRIGO fecha a pasta.

RODRIGO  
Posso levar pra casa?

ALENCAR  
Claro.

Com a pasta embaixo do braço RODRIGO finalmente se dirige até a porta, dando mais um aceno de cabeça para ALENCAR, que o retribui.

ALENCAR o fita saindo, suspirando depois de um tempo, cansado.

CORTA PARA:

#48. INT. APARTAMENTO DE RODRIGO/SALA. NOITE

RODRIGO está sentando a uma pequena mesa de vidro, com seu notebook aberto a sua frente. Ao lado, um bloco de notas já com algumas coisas escritas de caneta.

Ele tem a pasta preta nas mãos e a olha, pensativo, brincando com uma caneta em uma das mãos enquanto escuta, com fones de ouvido a fita no gravador.

ALENCAR (O.S.)  
Eu costumava acreditar nas pessoas, tinha um otimismo que era quase infantil. Acho que herdei isso do meu pai. Mas depois de um tempo fazendo o que eu faço, a gente acaba perdendo o senso de humanidade.

RODRIGO (O.S.)  
Nunca sentiu remorso?

ALENCAR (O.S.)  
Não diria remorso, mas sempre que estou pronto pra abrir a porta, pra terminar um serviço, eu sinto um...vazio no peito.

RODRIGO (O.S.)  
E o que você faz?

ALENCAR (O.S.)  
(PAUSA)Eu giro a maçaneta.

Nesse instante a porta faz barulho, a maçaneta se mexendo devagar.

RODRIGO a olha, assustado.

MARISA entra pela porta da frente, encharcada da cabeça aos pés, trazendo um guarda-chuva fechado nas mãos.

RODRIGO pega o gravador, a pasta e o bloco de notas rapidamente. Fecha o notebook como alguém que finaliza um trabalho.

MARISA

Nossa, ta caindo o mundo lá fora.

RODRIGO sorri. MARISA chega perto, olha pra pasta enquanto lhe dá um beijo.

MARISA

O que é isso?

RODRIGO

(se levantando)

Trabalho.

Marisa segue para cozinha, enquanto RODRIGO segue com suas coisas em mãos para o quarto, deixando apenas o notebook.

CORTA PARA:

#49. INT. APARTAMENTO DE RODRIGO/COZINHA. NOITE

MARISA tira o casaco molhado e deixa-o sobre uma cadeira, soltando os cabelos em seguida.

RODRIGO (O.S.)

Você tem que tomar um banho quente.

MARISA

Vou comer primeiro, tô morta de fome.

Ela abre a geladeira e retira de dentro um pão de forma e queijo, pegando um prato de um armário acima.

CORTA PARA:

#50. INT. APARTAMENTO DE RODRIGO/SALA. NOITE

RODRIGO volta pra sala e mexe no notebook, digitando algo.

MARISA passa pela sala indo em direção ao quarto.

MARISA

(se afastando)

Tá com uma cara de cansado. Você ta precisando dormir. Vou tomar um banho rápido e vou pra cama, você vem?



RODRIGO  
Daqui a pouco.

MARISA  
Demora, não, tá?

RODRIGO olha pro nada, dando um suspiro forte.

CORTA PARA:

#51. INT. QUARTO DE HOSPITAL. NOITE

ALENCAR abre os olhos, sobressaltado, olhando ao redor.

Pela mangueira de soro, o sangue da sua mão começa a ser sugado.

ALENCAR se levanta, sentando-se na cama, tirando o soro do encaixe na mão, franzindo o rosto de dor.

Ele caminha devagar, saindo até o CORREDOR.

CORTA PARA:

#52. CORREDOR DO HOSPITAL. NOITE

Corredor totalmente deserto e muito escuro, a não ser pelas luzes ao fundo que pontuam a penumbra.

Gotas de tinta vermelha caem ao chão, atrás de ALENCAR.

ALENCAR se vira, sua expressão se tornando mais séria.

Seu PAI está parado, trajando o mesmo macacão de pintor sujo de tinta de antes. Em suas mãos o rolo de espuma, pingando.

ALENCAR o encara.

O PAI DE ALENCAR lhe sorri fraternalmente.

Instantes se passam, até que a expressão em seu rosto se altere para uma de reprovação, meneando a cabeça levemente de forma negativa.

Um isqueiro acende em meio a escuridão, acendendo a ponta de um cigarro, chamando a atenção de ALENCAR.

É MAURO, que surge um pouco mais ao fundo do corredor, encostado contra a parede, fumando com calma, levando em seu pescoço o fio de plástico enrolado firme.

Ele começa a caminhar na direção de ALENCAR, que se mantém imóvel.

O PAI DE ALENCAR já não pode mais ser visto.

MAURO estaca bem próximo a ALENCAR, soprando fumaça de cigarro em seu rosto, encarando-o com seriedade.

Um sorriso surge em seu rosto, e ele subitamente beija ALENCAR de forma rápida e seca, fazendo com que o outro arregale os olhos, assustado.

CORTA PARA:

#53. INT. QUARTO DE HOSPITAL. NOITE

ALENCAR abre os olhos subitamente, respirando fundo.

Seu corpo se tenciona todo e sangue começa a lhe brotar do nariz.

Seus braços se mexem erraticamente, sua mão apertando o botão de chamar a enfermeira.

Ele tosse e sangue lhe sai da boca, se espalhando por seu avental, sua respiração se tornando difícil, as veias saltadas.

A ENFERMEIRA 3 adentra o quarto e imediatamente corre até ele, gritando por ajuda, sua boca se mexendo sem produzir som.

Uma outra ENFERMEIRA 4 e o ENFERMEIRO 2 entram no quarto, segurando os braços de ALENCAR enquanto a ENFERMEIRA 3 lhe aplica uma injeção.

ALENCAR tenta gritar, mas sua voz sai nula.

Aos poucos seu corpo começa a relaxar, e ele respira fundo.

CORTA PARA:

#54. EXT. PÁTIO DE HOSPITAL. DIA

RODRIGO está sentado em um banco, em meio a um extenso pátio arborizado.

Diversas enfermeiras e pessoas circulam com passos calmos, passando a sua frente.

Ao fundo, sentado em uma cadeira de rodas, sendo empurrado pela ENFERMEIRA 2 surge ALENCAR, trajando um casaco bege por sobre o avental de paciente.

RODRIGO se levanta conforme eles se aproximam, e sorri, acenando com a cabeça para a ENFERMEIRA 3.

ENFERMEIRA 3  
(entregando a cadeira)  
Deixa ele tomar um pouco de sol,  
tá?

RODRIGO  
Claro, sem problemas.

ALENCAR  
Tô virando uma planta. Tomar sol,  
beber água. Só falta fazer  
fotossíntese.

ENFERMEIRA 3  
(sorrindo)  
Vou deixar vocês conversarem,  
depois eu volto pro seu banho.

ALENCAR  
(sorrindo)  
Mal posso esperar.

Com isso a ENFERMEIRA 3 se afasta, sorrindo, e dando mais um aceno para RODRIGO, que agora empurra a cadeira pelo pátio.

ALENCAR suspira, sua aparência é levemente pálida.

RODRIGO  
Você tá bem?

ALENCAR vira o rosto em sua direção, encarando-o, ironicamente.

RODRIGO  
Parece que piorou de ontem pra  
hoje.

ALENCAR  
É. A noite não foi boa. Agora me  
leva pra sombra logo, eu odeio  
tomar sol.

RODRIGO sorri e leva o outro para perto de um banco, mais à sombra, travando a cadeira de rodas de frente para o mesmo.

Ele então se senta, retirando do bolso o gravador, ligando-o.

ALENCAR olha para o gravador e sorri. Parece se lembrar de algo.

ALENCAR  
Um dia um repórter foi  
entrevistar o pessoal do circo,  
né? Chegou pro domador de

ALENCAR  
 elefantes e perguntou: como o  
 senhor começou nessa vida de  
 domador de elefantes? Você  
 conhece essa?

RODRIGO  
 (sorrindo e balançando a  
 cabeça)  
 Não.

ALENCAR  
 Eis que o domador responde: Eu  
 era domador de pulgas, mas como  
 comecei a ter problemas de visão,  
 resolvi trabalhar com elefantes.

Os dois sorriem.

ALENCAR  
 É uma piada horrível...mas  
 eu...não sei por quê. Sempre  
 gostei de piadas sem graça. Mas  
 essa é interessante. Aquela  
 coisa...A gente se adequa a vida  
 que a gente tem, né?

RODRIGO  
 Você se vê assim?

ALENCAR  
 É... Eu tento...

RODRIGO olha pensativo.

ALENCAR  
 Lembra onde paramos ontem?

RODRIGO  
 No seu primeiro trabalho.

ALENCAR  
 Isso.

CORTA PARA:

#55. INT. HOTEL(3)/HALL. DIA (1993)

ALENCAR caminha com a mochila nas costas, olhando ao  
 redor, prestando atenção ao elegante saguão.

Notando sua figura, O RECEPCIONISTA DE HOTEL 2 caminha até  
 ele, lhe olhando com certa apreensão.

RECEPCIONISTA DE HOTEL 2  
Posso ajudar, senhor?

ALENCAR o olha, abrindo um sorriso depois de um tempo.

ALENCAR  
Eu quero um quarto.

CORTA PARA:

#56. INT. HOTEL(3)/RESTAURANTE DO HOTEL. DIA

ALENCAR jovem está sentado em uma poltrona, ao fundo do restaurante, trajando roupas finas e lendo um jornal.

Em uma mesa, mais a frente está ROGÉRIO almoçando sozinho.

CORTA PARA:

#57. HOTEL(3)/QUARTO DE HOTEL DE ALENCAR. NOITE

ALENCAR está sentado em sua cama, com um fecho de porta em suas mãos. Ele traja uma roupa de dormir, e mantém o abajur aceso, olhando para a fechadura com cuidado.

Ele pega um grampo de cabelo e uma pinça, e tenta abrir o fecho com os dois objetos. Limpa o suor de sua testa.

ALENCAR força um pouco e o grampo se arrebenta, machucando-lhe o dedo.

Outros vários fechos podem ser vistos, cada um diferente do outro, alinhados de forma metódica em um criado mudo.

Ele respira fundo, e volta a tentar, pegando mais um grampo de uma pequena caixa na cama.

Com movimentos mais suaves, a fechadura finalmente faz um click, se abrindo.

ALENCAR sorri, colocando o fecho ao lado dos outros, alinhado.

CORTA PARA:

#58. INT. HOTEL(3)/HALL. DIA

ROGÉRIO desce as escadas e sai pela porta da frente, entrando em um táxi e sumindo pelas ruas.

ALENCAR o observa distante, subindo as escadas em seguida.

CORTA PARA:

#59. INT. HOTEL(3)/QUARTO DE ROGÉRIO. DIA

A porta se abre com um click e ALENCAR entra, fechando-a atrás de si.

MONTAGEM DE PLANOS:

- 1) ALENCAR abrindo um guarda roupas, checando o seu interior.
- 2) ALENCAR abrindo o armário do banheiro, olhando.
- 3) ALENCAR sentando-se na cama, suspirando.

VOLTA À CENA

ALENCAR está sentado na cama, olhando ao redor, quando a porta faz um leve barulho.

Ele rapidamente olha ao redor procurando algum lugar pra se esconder e se precipita em direção ao armário, fechando-o quando a porta de entrada se abre.

É ROGÉRIO que entra com uma PROSTITUTA bem vestida.

ALENCAR suspira, contrariado.

FUSÃO PARA:

#60. INT. HOTEL(3)/QUARTO DE ROGÉRIO. NOITE

As luzes estão acessas e a PROSTITUTA se veste, de costas para o armário.

ALENCAR tem os olhos fechados e os abre de repente, despertando.

ROGÉRIO fala sozinho, deitado na cama, olhando para o outro lado.

ROGÉRIO

Preciso sair daqui. Ir pra uma praia bacana, sabe? Fugir por uma semana. Aí eu te levava...

PROSTITUTA

(sorrindo)

Humm...Adoro praia...

ROGÉRIO

Você iria comigo?

PROSTITUTA

Claro, amor.

A PROSTITUTA sorri levemente e pega umas notas deixadas sobre o criado mudo, terminando de se vestir.

Ela então se ajoelha na cama e lhe dá um beijo na testa, se dirigindo até a porta em seguida.

PROSTITUTA

Quem sabe a gente não faz essa viagem logo?

ROGÉRIO sorri, enquanto ela sai do quarto, dando-lhe um último adeus.

ALENCAR observa.

ROGÉRIO então se espreguiça e levanta indo em direção ao banheiro. O barulho do chuveiro ecoa pelo quarto.

ALENCAR então abre a porta do armário com cuidado, saindo e olhando para a porta do banheiro.

Ele abre a porta do quarto e sai.

CORTA PARA:

#61. INT. HOTEL(3)/HALL. DIA

ROGÉRIO caminha tranquilamente, indo em direção à porta da rua.

O RECEPCIONISTA DE HOTEL 2 corre atrás dele, saindo de trás do balcão ao fundo, trazendo um pequeno envelope às mãos, lhe chamando a atenção.

RECEPCIONISTA DE HOTEL 2

Deixaram esse envelope pro senhor.

ROGÉRIO pega o envelope, interessado.

ROGÉRIO

Obrigado.

O RECEPCIONISTA se afasta com um aceno de cabeça, se dirigindo ao balcão novamente.

ROGÉRIO abre o envelope e observa seu interior.

Dentro dele pode-se ver duas passagens de avião, com os dizeres "HAVAÍ" impressos em caixa alta.

ROGÉRIO sorri, olhando ao redor, saindo em direção à rua.

CORTA PARA:

#62. EXT. PÁTIO DO HOSPITAL. DIA (2010)

RODRIGO sorri, mantendo o gravador perto de seu rosto, pensativo.

ALENCAR o fita.

RODRIGO

Então foi aí que você começou com essa coisa dos últimos desejos?

ALENCAR

Ahã, Foi um jeito de diminuir a culpa. E com a grana que eu tava ganhando dava pra pagar.

RODRIGO

Por que manteve isso para os outros?

ALENCAR

Acho que todo mundo merece uma coisa boa antes de morrer. Me pareceu mais (procurando a palavra)...humano.

RODRIGO

Você tem uma idéia estranha do que seja humano.

ALENCAR suspira, dando de ombros, sorrindo um pouco.

RODRIGO

Mas dessa primeira vez você já usou uma seringa?

ALENCAR

(sorrindo)

Não, não. Isso foi só bem depois, no começo eu tive que improvisar.

CORTA PARA:

#63. INT. HOTEL(3)/QUARTO DE ROGÉRIO. NOITE (1993)

ROGÉRIO dorme tranquilamente em um sono fundo, trajando apenas uma bermuda larga, deitado um pouco de lado.

Após instantes de silêncio a porta do armário se abre devagar, quase sem fazer barulho.

De dentro sai ALENCAR, que caminha até a cama, observando ROGÉRIO por alguns segundos.

A cama possui vários travesseiros e um ao canto está completamente afastado do corpo de ROGÉRIO.



ALENCAR o pega com as duas mãos, se posicionando em seguida frente ao rosto do outro.

Com um movimento relutante, ele começa a descer o travesseiro sobre o rosto de ROGÉRIO, que após alguns segundos começa a se contorcer, soltando gritos abafados.

ALENCAR pressiona o travesseiro com mais força, fazendo com que o outro se debata ainda mais.

Após alguns segundos o corpo de ROGÉRIO finalmente cessa, ALENCAR então lhe retira o travesseiro do rosto, fitando o corpo inerte de sua primeira vítima.

Ele se deixa observá-lo por mais alguns instantes até que finalmente larga o travesseiro a cama, saindo do quarto de forma apressada.

CORTA PARA:

#64. EXT. PÁTIO DE HOSPITAL. DIA

RODRIGO se mantém na mesma posição de antes.

RODRIGO

E qual foi a sensação?

ALENCAR

Bom, na verdade eu não senti nada. Fiquei feliz dois dias depois, quando o celular tocou de novo, me falaram onde estaria o resto do dinheiro.

INSERT:

As mãos de ALENCAR abrem um envelope amarelo contendo notas de dinheiro em diversos bolos, um sorriso surge em seu rosto.

VOLTA À CENA

RODRIGO

E o celular voltou a tocar?

ALENCAR

Pelo menos uma vez por mês.

RODRIGO

E você não achava isso estranho?

ALENCAR

Claro...mas dava certo. Tava me arriscando, mas ao mesmo tempo tava ganhando uma grana boa, que eu nunca tinha ganhado antes. E

ALENCAR  
as oportunidades de gastar a  
grana sempre me desviavam de  
ficar pensando nisso.

RODRIGO  
(incrédulo)  
Então até hoje você não sabe quem  
liga? Nem o porque você fazia os  
trabalhos?

ALENCAR  
A voz no telefone variava, então  
eu não tinha nem como saber com  
quem eu estava falando. Era um  
trabalho. Eu atendia e fazia. Só.

RODRIGO  
Hum.

ALENCAR  
(sorrindo)  
Você devia me agradecer, por  
minha causa você sempre tinha  
mais ou menos um obituário pra  
escrever por mês.

RODRIGO volta a sorrir, balançando a cabeça negativamente,  
ainda impressionado.

A ENFERMEIRA 1 se aproxima.

ENFERMEIRA 1  
Nem viu que já ta na hora do  
almoço.

ALENCAR  
Essas conversas de família me  
fazem perder a noção do tempo.

ENFERMEIRA 1  
Ainda bem que eu tô aqui pra te  
lembrar.

ALENCAR  
Você é um anjo.

A ENFERMEIRA 1 se dirige para trás da cadeira de rodas,  
pegando a mesma com as mãos, começando a empurrá-la,  
falando para RODRIGO.

ENFERMEIRA 1  
Você vai poder voltar só mais  
tarde, tá?

RODRIGO

Ok.

ALENCAR o saúda com a cabeça, sorrindo, se virando para a ENFERMEIRA 1 novamente.

ALENCAR

O que tem pro almoço? Deixa eu adivinhar. Papinha de feijão...e...pra sobremesa, gelatina de morango. Acertei?

RODRIGO aperta o botão de stop no gravador e se levanta, fitando os dois que se afastam.

CORTA PARA:

#65. INT. RESTAURANTE DE HOSPITAL. DIA

RODRIGO se senta a mesa sozinho, trazendo em mãos uma bandeja com um prato de comida, composto em sua maioria por salada.

Ele desembrolha o garfo e a faca e abre a latinha de refrigerante, despejando-o em um copo.

Quando está prestes a comer, o doutor TÚLIO se senta a mesa, lhe dando um amplo sorriso.

TÚLIO

Ronaldo.

RODRIGO

É Rodrigo.

TÚLIO

Ah sim, claro, você pode falar agora?

RODRIGO

Posso, sim.

TÚLIO

Bom, vou ser direto contigo. Seu tio não ta nada bem. Ele não tem respondido bem a quimioterapia e por causa da posição do tumor não vai ter como a gente fazer a operação.

RODRIGO

E o que isso quer dizer?

TÚLIO

Ele tem poucos dias de vida.

RODRIGO

Certo...

RODRIGO olha para TÚLIO, como se não soubesse o que dizer.

Ele dá algumas garfadas de sua salada.

TÚLIO

Pelo que parece vocês são bem próximos, né?

RODRIGO

Sim, somos.

TÚLIO

Engraçado. Conheço o Alencar a um bom tempo, mas ele nunca falou sobre você.

RODRIGO

É. Ele é assim. Não conta muito da vida dele pras pessoas.

TÚLIO

E nem pode, né?

RODRIGO

(um pouco assustado)

Como?

TÚLIO

Com tanta gente querendo passar a perna nos outros por aí. E ele bem de vida, com grana. Eu mesmo não gosto de ficar dando muita informação da minha vida, não. Nunca se sabe do que as pessoas são capazes e tal...

RODRIGO

É verdade.

TÚLIO

É uma pena. Mas a gente se acostuma com a morte.

RODRIGO

(suspirando)

É.

TÚLIO

Mas é. Minha prima é espírita...daquelas...é...Não é destas de macumba, não, sabe?...É... Kardecista! Eles aceitam bem a morte. Deve existir alguma coisa depois daqui mesmo.

TÚLIO  
Não é possível. Você não acha,  
não?

RODRIGO  
É...não sei...

TÚLIO se levanta da cadeira.

TÚLIO  
É...então é isso, Rodrigo.

RODRIGO  
Mas eu posso continuar as  
visitas?

TÚLIO  
(se levantando)  
Pode... só que por esses dias, ia  
ser melhor que você viesse mais a  
noite, já que vamos começar com a  
radioterapia agora durante o dia.  
Bom, é isso, hoje é a primeira  
sessão de radio e se nada  
melhorar ele deve ter por volta  
de mais uns dois dias, quatro  
talvez.

RODRIGO  
Vou poder vê-lo depois do almoço?

TÚLIO  
Não, não, hoje ele só volta pro  
quarto depois das seis.

RODRIGO  
E que horas eu posso voltar?

TÚLIO  
(se afastando)  
Chega depois das oito. Ele já  
deve ter tido as convulsões até  
lá.

RODRIGO  
Ok.

TÚLIO  
Bom almoço. Até.

RODRIGO  
Tchau.

RODRIGO olha seu prato de comida, pensativo, fitando o  
outro em seguida, que já se afasta pelo corredor.

CORTA PARA:

#66. INT. CABINE DE RÁDIO. DIA

Um sinal de NO AR se apaga.

MARISA está sentada em uma cadeira confortável, atrás de uma mesa simples, com um microfone de feltro a sua frente.

Ela tem sobre os olhos um par de óculos e nos ombros um fone de ouvido.

Após alguns segundos um ASSISTENTE bate à porta, caminhando até ela em seguida, com um telefone em mãos.

MARISA o olha, pegando o aparelho na mão e lhe dando um sorriso.

O ASSISTENTE lhe dá um aceno.

ASSISTENTE

Dois minutos.

MARISA responde com um aceno e o outro se afasta.

Após um click a ligação é transferida, e a voz de Rodrigo surge na linha.

RODRIGO (O.S.)

Alô?

MARISA

Oi, tudo bem aí?

INSERT:

EXT. PÁTIO DO HOSPITAL. TARDE

RODRIGO está sentando em um banco ao fundo, com um laptop aberto em seu colo, segurando o telefone com o ombro.

RODRIGO

Oi, tudo bem, sim... só tô ligando por que hoje eu vou chegar mais tarde.

VOLTA À CENA

MARISA

Ahh...Coincidência. Eu também ia ligar pra falar que eu ia demorar.

RODRIGO (O.S.)

Você vai aonde?

INSERT:

EXT. PÁTIO DO HOSPITAL. TARDE

RODRIGO digita algumas palavras em seu notebook, ainda com o telefone no ouvido.

MARISA (O.S)  
 Vou sair com o pessoal da rádio.  
 Hoje é aniversário da Débora.  
 Lembra da Débora?

RODRIGO  
 Sim. Lembro. Legal.

MARISA (O.S)  
 Vamos comemorar naquela pizzaria  
 que a gente foi no nosso primeiro  
 aniversário de namoro, lembra?

RODRIGO  
 Claro. Lembro

MARISA (O.S)  
 Quando sair daí vê se passa lá.

RODRIGO  
 Ok, vou tentar.

VOLTA À CENA

MARISA, gira um pouco na cadeira, olhando para uma outra ASSISTENTE 2 que sinaliza com as mãos, dizendo que ela se apresse.

MARISA  
 Olha, tenho que ir agora, entro  
 no ar daqui a um minuto.

INSERT:

EXT. PÁTIO DO HOSPITAL. TARDE

RODRIGO  
 Certo. Vai lá. Beijo.

MARISA (O.S)  
 Beijo.

VOLTA À CENA

MARISA então desliga o telefone, entregando para o ASSISTENTE que o pega com rapidez.

A outra ASSISTENTE sinaliza 5 segundos com a mão, fazendo contagem regressiva com as mãos.

MARISA coloca os fones nos ouvidos, ajustando o microfone com as mãos.

O sinal de NO AR se acende.

CORTA PARA:

#67. INT. REDAÇÃO DE JORNAL. DIA

RODRIGO caminha por um largo corredor, passando ao lado de diversas mesas onde várias pessoas trabalham.

Chega em frente a uma sala.

Ele bate na porta, abrindo-a devagar.

CORTA PARA:

#68. INT. ESCRITÓRIO DE JORNAL. DIA

RODRIGO entra e fica perto da porta.

MÁRCIO está ao telefone, e aponta a cadeira que está a sua frente para RODRIGO.

RODRIGO caminha, e se senta.

MÁRCIO  
(ao telefone)  
Não, de jeito nenhum, esse tipo  
de matéria não sai.

RODRIGO observa a conversa, girando um pouco na cadeira.

MÁRCIO  
(ao telefone)  
Já te disse, esse aqui é um  
jornal sério...

MÁRCIO desliga o telefone e olha para RODRIGO.

MÁRCIO  
O que você tá fazendo aqui? Hoje  
é segunda.

RODRIGO  
É, eu sei. Mas tenho que te  
mostrar uma coisa.

MÁRCIO  
Mostrar o quê?...Ó...Você sabe  
que aquela sua matéria deu pano  
pra manga. A polícia foi  
atrás...mas só pra fazer pose...

RODRIGO  
É mesmo?



MÁRCIO

Tanto que nem foram atrás de você. Tem gente dizendo que foi invenção da sua cabeça. Mas até que ajudou a vender...isso é bom...E o que tem aí agora?

RODRIGO

Uma parte do material que eu tô juntando pra próxima matéria.

Márcio fica levemente surpreso

MÁRCIO

Já ta na outra, hein? Essa é sobre o quê?

RODRIGO se inclina pra frente.

RODRIGO

Bom, é mais ou menos sobre a mesma coisa, mas de um ponto de vista diferente.

MÁRCIO

Sobre a mesma coisa? Sobre os infartos de novo?

RODRIGO

Não só sobre eles, sobre outras mortes também.

MÁRCIO

Rodrigo, eu já te disse pra variar de tema. Violência vende. Mas isso não foi tão pra frente assim não.

RODRIGO suspira, abrindo sua bolsa, tirando de dentro a pasta preta.

Ele a entrega para MÁRCIO.

RODRIGO

Dá uma olhada nisso.

MÁRCIO o olha com uma expressão cética e começa a folhear as páginas transparentes da pasta, lendo os obituários e reportagens.

MÁRCIO

O que é isso aqui? Uma coleção de matérias suas?

RODRIGO

Não fui eu quem juntou isso.

MÁRCIO  
Quem então? Sua mulher?

RODRIGO  
O cara que matou todas essas  
pessoas.

MÁRCIO solta um suspiro risonho olhando o outro incrédulo.

MÁRCIO  
Você ta entrevistando um  
psicopata?

RODRIGO  
Um assassino de aluguel.

MÁRCIO fica mais sério.

MÁRCIO  
Um assassino de aluguel?

RODRIGO  
Isso.

MÁRCIO  
E onde você achou esse, assassino  
de aluguel?

RODRIGO  
Foi ele quem me achou. Ele tá  
internado com câncer. Em estado  
terminal.

MÁRCIO  
(duvidoso)  
Um assassino de aluguel com  
câncer?

RODRIGO tira da bolsa o gravador, colocando sobre a mesa e  
apertando o play.

ALENCAR (O.S.)  
Tive que encontrar uma arma mais  
eficiente, já que não era muito  
provável que todas as pessoas iam  
estar dormindo como bebês e  
prontas para serem sufocadas com  
um travesseiro.

RODRIGO (O.S.)  
Foi aí que você começou a usar as  
seringas?

ALENCAR (O.S.)  
Isso.

RODRIGO (O.S.)

E onde você descobriu o que usar nelas?

ALENCAR (O.S.)

Eu já estava pensando em algum tipo de substância química, alguma coisa que pudesse ser injetada ou algo assim. Não queria um veneno nem nada que fosse difícil de conseguir ou que deixasse rastros demais. Foi aí que um dia eu vi um documentário na TV sobre espionagem que falava que a CIA costumava usar cloreto de potássio nos seus assassinatos. Achei a idéia interessante e resolvi testar. O engraçado foi descobrir que ele é vendido em qualquer floricultura, em estado sólido. Ele mata humanos, mas é ótimo pras plantas.

RODRIGO (O.S.)

Como é usado?

ALENCAR (O.S.)

Preparo misturando na água. Depois de ferver coloco 200 miligramas na seringa. Injetada no sangue faz o coração parar em 10 segundos.

RODRIGO aperta o stop e MÁRCIO o olha, surpreso.

MÁRCIO

E você acredita nesse cara?

RODRIGO dá um leve sorriso, franzindo a testa.

RODRIGO

Sim...

MÁRCIO

Você tem provas de alguma coisa que ele disse?

RODRIGO

Ele não tá mentindo sobre o potássio. E as histórias dele são muito convincentes.

MÁRCIO fica pensativo, e olha fixamente para o gravador desligado na mesa.

MÁRCIO

Você já tem muito material?

RODRIGO

Ainda não tenho o suficiente.

MÁRCIO

Ok, faz o seguinte. Escreve um rascunho pra mim pra semana que vem. Se ficar bom, eu penso se te deixo publicar ou não.

RODRIGO

Mas eu vou precisar de mais tempo pras entrevistas.

MÁRCIO

Tá, você pode tirar até quinta pra juntar o material todo, eu peço pro Elias escrever os obituários nessa semana. Você já tem autorização pra publicar isso?

RODRIGO acena com a cabeça, dizendo que sim.

MÁRCIO

Isso é tudo?

RODRIGO

Ahã.

MÁRCIO

Então vai trabalhar.

RODRIGO sorri se levantando, dando um aceno de despedida, que MÁRCIO retribui.

Ele sai da sala.

CORTA PARA:

#69. INT. QUARTO DE HOSPITAL. NOITE

RODRIGO entra pela porta aberta, batendo levemente na mesma para que seja notado.

ALENCAR está deitado na cama, sua pele mais pálida que o normal. Ele dá um sorriso enquanto a ENFERMEIRA 3 lhe arruma um travesseiro atrás da cabeça.

RODRIGO se senta na costureira poltrona olhando para ambos, deixando sua pasta no chão.

ENFERMEIRA 2

Qualquer coisa eu vou estar no final do corredor, é só apertar o botão, ok?

Ela sai do quarto.

RODRIGO se inclina um pouco pra frente.

RODRIGO

Como foi hoje?

ALENCAR

(irônico)

Foi ótimo.

RODRIGO o olha com certo pesar.

ALENCAR suspira, levemente irritado.

ALENCAR

Pára com isso.

RODRIGO

Isso o quê?

ALENCAR

Não precisa ter pena de mim.

RODRIGO

Não é pena, é só que não me dou muito bem com situações assim.

ALENCAR

(sorrindo)

Conversando com doentes de câncer?

RODRIGO sorri, balançando a cabeça, voltando a ter seu olhar distante em seguida.

RODRIGO

Meu pai morreu assim, numa cama de hospital.

ALENCAR o olha, sua expressão se tornando um pouco mais séria.

ALENCAR

Não sou sei pai, Rodrigo. Sou só mais um miserável doente.

RODRIGO

É, eu sei.

Após segundos de silêncio ALENCAR volta a sorrir.

ALENCAR

Bom, mas se você quiser mesmo continuar com a entrevista, acho que agora o tempo é mesmo fundamental.

RODRIGO concorda com a cabeça, abrindo sua pasta no chão e tirando o gravador de dentro, colocando o mesmo na mesinha ao lado.

ALENCAR

E então, o que quer saber agora?

RODRIGO

Pelo jeito que você conta parece que nunca teve nenhuma complicação. Todos os trabalhos deram certo?

ALENCAR sorri, balançando a cabeça.

ALENCAR

Bom, nem sempre.

CORTA PARA:

#70. INT. CORREDOR DE UM PRÉDIO. NOITE (1993)

ALENCAR jovem está parado diante a uma porta de apartamento simples, trajando uma roupa bem alinhada.

Ele bate a campainha, mantendo uma das mãos para trás, na qual pode se ver uma seringa cheia de um líquido transparente.

Segundos se passam até que ele tenta espiar por debaixo da porta, voltando a insistir na campainha ao se levantar.

Depois de mais segundos sem resposta, ele segura a seringa com os dentes e começa a abrir a fechadura com pedaços finos de metal.

A porta se abre devagar, sem fazer barulho.

ALENCAR entra.

CORTA PARA:

#71. APARTAMENTO/SALA. NOITE

Após entrar, ALENCAR tira a seringa dos dentes, caminhando com ela nas mãos, calculando os passos e fechando, com cuidado, a porta atrás de si.

Uma TV está ligada, sem som, passando um jogo de futebol.

Ele olha ao redor, observando tudo com cuidado, mantendo a seringa levemente levantada.

O barulho de passos rápidos surgem de sua esquerda, indo na sua direção.

É SÉRGIO, um homem de meia idade, trajando um roupão de dormir que surge de um corredor com um abajur nas mãos, avançando para cima de ALENCAR.

SÉRGIO  
Filho da puta!

ALENCAR desvia do primeiro golpe, segurando as mãos de SÉRGIO, deixando a seringa cair ao chão.

Os dois ficam se olhando, fazendo força para conseguirem livrar abajur das mãos do outro.

SÉRGIO dá uma cabeçada na testa de ALENCAR que cambaleia para trás, soltando o abajur que se espatifa no chão.

Imediatamente SÉRGIO o ataca novamente, fazendo com que ALENCAR tenha que se recompor rápido para desviar, desferindo um soco na cara do outro em seguida.

SÉRGIO pega ALENCAR pela gola da camisa e lhe desfere um forte murro no rosto, e depois outro, jogando-o contra a parede, fazendo com que o mesmo caia na COZINHA.

CORTA PARA:

#72. INT. APARTAMENTO DE SÉRGIO/COZINHA. NOITE

ALENCAR cai desnordeado ao chão, balançando a cabeça para tentar despertar sua atenção.

SÉRGIO volta a se aproximar, dessa vez mais rápido.

ALENCAR então começa a se levantar, e ainda meio ajoelhado, acerta um murro na virilha de SÉRGIO que se contorce de dor, parando por alguns segundos.

Nessa janela de tempo, ALENCAR abre uma gaveta do armário, mexendo no seu interior, o barulho de metal ecoando pelo ambiente tirando de dentro uma faca, indo em direção à SÉRGIO com a faca erguida.

ALENCAR tenta golpear o outro que lhe segura o punho com uma das mãos e o pescoço com a outra.

SÉRGIO então lhe empurra com força para a geladeira, fazendo com que o outro bata as costas e a cabeça, caindo atordoado, soltando a faca que desliza para baixo do balcão.

ALENCAR fica no chão, tentando respirar.

SÉRGIO o arrasta, colocando-o de joelhos, abrindo a porta da geladeira em seguida, colocando a cabeça de ALENCAR no local onde a porta se fecha.

ALENCAR balança a cabeça mais uma vez, percebendo mais ao fundo, em uma prateleira da geladeira, uma garrafa de leite.

SÉRGIO começa a movimentar a porta da geladeira na direção da cabeça de ALENCAR, quando este a segura com uma das mãos e com a outra pega a garrafa.

Ele a gira, acertando em cheio o rosto de SÉRGIO que cai ao chão, desnorteado, com o nariz sangrando.

ALENCAR se põe de pé, caminhando até o outro que está ao chão e se ajoelha sobre os braços do mesmo, ainda com a garrafa em mãos.

Ele então levanta a garrafa e golpeia forte, com o fundo da mesma. Depois de novo, e de novo, até que o corpo de SÉRGIO fique imóvel.

ALENCAR deixa a garrafa escorregar para um lado e deixa o corpo pender para o outro, se sentando ao chão, com as costas apoiadas no balcão.

Ele suspira, limpando a testa, sorrindo um pouco.

CORTA PARA:

#73. INT. QUARTO DE HOSPITAL. NOITE (2010)

RODRIGO sorri, impressionado.

RODRIGO

E você não machucou? Não quebrou nada?

ALENCAR

Só 3 costelas. Quando fui pro hospital eu disse que tinha apanhado da minha mulher. Eles acreditaram, foi muito engraçado.

Os dois riem. Depois, o silêncio cai sobre eles.

RODRIGO

Por falar em mulher...depois de começar com isso você nunca arrumou uma esposa? uma namorada?

ALENCAR parece se empolgar pra resposta.



ALENCAR

Claro que sim, mas só teve uma  
que merece ser lembrada.

CORTA PARA:

#74. EXT. RUA DA CIDADE 3. DIA (2006)

ALENCAR caminha tranquilamente por uma rua arborizada,  
trajando uma roupa casual e levando nas mãos algumas  
sacolas de papelão com compras.

Ele anda por alguns segundos até que surge RAQUEL, uma  
mulher jovem e bonita, trajando roupas com cores fortes,  
andando depressa na direção oposta.

Ela vai costurando as poucas pessoas que caminham pela  
calçada até que tromba forte em ALENCAR, fazendo com que  
suas compras caiam ao chão, espalhadas.

RAQUEL

(se afastando)

Mas que merda! Num olha por onde  
anda, não?

ALENCAR a olha, sorrindo de leve.

RAQUEL se afasta um pouco, até que estaca, voltando e se  
agachando perto das compras, ajudando o outro a guardá-las  
nas sacolas.

RAQUEL

Desculpa, eu sempre faço isso.  
Fico meio descontrolada quando  
perco o ônibus. Eu não sou tão  
grossa...

ALENCAR levanta o olhar para ela, fitando-a com interesse.

ALENCAR

Não tem problema, eu também ia  
explodir se desse de cara com um  
idiota assim.

Ela sorri. O olha intrigada.

RAQUEL

(entregando a sacola)

Bom, deixa eu ir...Desculpa de  
novo, da próxima vez saio de casa  
mais cedo.

ALENCAR

(sorrindo)

Imagina, foi um prazer trombar em  
você.

RAQUEL dá um tchau com as mãos, se virando para ir embora.

ALENCAR  
Aqui, já que você perdeu seu  
ônibus... você topa tomar um café  
comigo?

RAQUEL  
(se virando)  
Um café?! Você tá doido?

ALENCAR fica assustado.

ALENCAR  
Não, só tava te convidando.

RAQUEL  
Você acha que só por que eu  
derrubei suas coisas eu vou  
aceitar tomar café com você?

ALENCAR  
Não...que isso...claro que não,  
você aceita se quiser.

RAQUEL dá um passo a frente com uma cara fechada.

ALENCAR a olha, sem graça.

Depois de alguns segundos RAQUEL finalmente começa a rir.

RAQUEL  
(rindo)  
Você precisa ver a sua cara!

ALENCAR sorri, voltando a olhá-la com interesse.

RAQUEL  
Você tava parecendo um menino que  
grudou chicletes embaixo da mesa!

ALENCAR  
(sorrindo)  
Já tava pensando que de todas as  
mulheres do mundo, eu tinha que  
trombar logo com uma psicopata!

Os dois riem, se olhando.

ALENCAR  
Isso quer dizer que você topa?

RAQUEL  
Topo sim. Mas não vou beber café  
não, hoje o dia ta pedindo alguma  
coisa mais forte.

CORTA PARA:

#75. INT. CAFÉ 2. TARDE

RAQUEL e ALENCAR estão rindo, sentados a uma pequena mesa pra dois, de frente para uma charmosa vitrine pequena.

Na mesa estão duas taças e uma garrafa de vinho com apenas um terço cheia.

As sacolas de papel de ALENCAR podem ser vistas ao lado de seu pé.

RAQUEL

Mas e então, você ainda não me disse. Você trabalha com que?

ALENCAR bebe mais um gole de taça, limpando a boca com o guardanapo de pano em seguida.

ALENCAR

Eu faço contratos, sou uma espécie de contador de luxo.

RAQUEL

(irônica)

Nossa, que chique. Eu já tava achando que você era algum tipo de advogado, ou coisa pior.

ALENCAR

(sorrindo)

Mas e você, o que você faz?

RAQUEL bebe mais, suas bochechas já levemente avermelhadas.

RAQUEL

Absolutamente nada!

ALENCAR

Como assim nada? Você tem que fazer alguma coisa. Pra onde você tava indo quando ia pegar aquele ônibus? Pra praça dormir no banco?

RAQUEL

Pior, eu ia pra uma galeria de arte no centro.

ALENCAR

Ahhh...

RAQUEL

Eu sou pintora...eu tento, mas até hoje não sei se é isso que quero fazer. Aquela coisa...

ALENCAR  
Relaxa, essas coisa se resolvem.

RAQUEL  
(sorrindo)  
Você é um péssimo mentiroso.

RAQUEL bebe o resto que está em sua taça, sorrindo para ALENCAR em seguida, que lhe serve mais um pouco.

CORTA PARA:

#76. EXT. FACHADA DO CAFÉ 2. NOITE

ALENCAR e RAQUEL saem do café, caminhando lado a lado, se olhando.

Ambos param, um de frente pro outro.

ALENCAR  
(sorrindo)  
E então, o dia ficou melhor agora?

RAQUEL  
É...digamos que sim...

ALENCAR se aproxima um pouco, pegando as mãos de RAQUEL.

ALENCAR  
Você vai me dar seu telefone?

RAQUEL  
Não, você é quem vai me dar o seu. Se eu tiver gostando de você só porque bebi um pouco vou conseguir sumir.

ALENCAR tira uma caneta do bolso do paletó, e RAQUEL lhe oferece a mão.

ALENCAR escreve seu número na mesma.

ALENCAR  
Não vai esquecer e lavar a mão, hein?

RAQUEL  
(sorrindo)  
Vou tentar.

RAQUEL se inclina pra frente, dando um beijo nos lábios de ALENCAR, que a fita sorrindo.

Ela então se vira pra ir embora.

ALENCAR  
Você vai me ligar?

RAQUEL dá de ombros, sorrindo e se afastando.

ALENCAR também sorrindo a observa indo embora.

CORTA PARA:

#77. INT. QUARTO DE HOSPITAL. NOITE (2010)

RODRIGO sorri, olhando para o outro.

RODRIGO  
E ela ligou?

ALENCAR  
Ahã, depois de quase um mês.

CORTA PARA:

#78. INT. CARRO. NOITE (2006)

Um HOMEM de aproximadamente 30 anos de idade abre a porta e se senta no banco do motorista, se ajeitando no mesmo.

Ele prende o cinto de segurança e ajusta o retrovisor quando um celular começa a tocar, vindo do banco de trás.

Ele olha ao redor confuso.

É então que ALENCAR se levanta, surgindo atrás do outro, tapando-lhe a boca com a mão e lhe cravando uma seringa contra o pescoço.

O HOMEM se debate por alguns segundos e depois cessa, inerte.

ALENCAR então atende o celular, tirando-o do seu bolso, falando baixo.

ALENCAR  
Alô?

RAQUEL(O.S)  
Sentiu saudade?

ALENCAR sorri, satisfeito.

CORTA PARA:

#79. INT. QUARTO DE HOSPITAL. NOITE (2010)

ALENCAR olha pensativo para a parede, sorrindo para si mesmo.

RODRIGO  
Ela parecia ser bem legal mesmo.

ALENCAR  
Era mesmo.

RODRIGO  
E depois? Que que aconteceu?

ALENCAR  
Bom, ela morou comigo por um tempo e tudo tava dando certo. Ela não desconfiava do meu trabalho. Eu conseguia despistar bem. Tinha uma boa grana na conta. Tava até pensando em não atender outro trabalho. Só que as coisas não saíram bem assim.

CORTA PARA:

#80. INT. APARTAMENTO DE ALENCAR 1. DIA (2006)

RAQUEL se espreguiça embaixo das cobertas, deitada em uma confortável cama de casal.

Após alguns instantes, ALENCAR surge à porta, trazendo uma bandeja com um suco de laranja e torradas.

RAQUEL  
Nossa, café na cama? Que honra!  
Tô morta de fome.

ALENCAR  
(sorrindo)  
Imaginei.

ALENCAR se senta na cama, trazendo a bandeja para perto de Raquel.

RAQUEL come uma torrada, bebendo o suco em seguida.

ALENCAR  
Tudo bem se ficar sozinha hoje?

RAQUEL  
Já sou grandinha o suficiente pra me virar uma tarde sem você.

ALENCAR se inclina pra frente e lhe dá um beijo nos lábios.

ALENCAR  
Já vou, então...

RAQUEL  
Vê se não compra nenhum quadro  
meu!

ALENCAR  
(se afastando)  
Pra quê? Pra você quebrar depois?

RAQUEL franze a testa, irônica, sorrindo em seguida.

ALENCAR manda mais um beijo e some pela porta.

CORTA PARA:

#81. INT. APARTAMENTO DE ALENCAR 1/SALA. DIA

Um barulho de um celular abafado começa a tocar  
insistentemente, vindo de uma gaveta em um móvel de canto.

RAQUEL surge por um corredor, comendo de um pote pequeno  
de sorvete com uma colher, trajando uma roupa de dormir,  
que fica solta sobre seu corpo.

Ela olha ao redor, procurando a fonte do barulho,  
intrigada.

Após alguns segundos de procura, ela finalmente localiza a  
gaveta, parando em frente a mesma e abrindo-a.

Dentro da mesma e dentro de outra pequena caixa está um  
celular, que continua tocando insistentemente.

Após mais alguns toques ela finalmente o pega nas mãos e o  
leva até a orelha, apertando o botão, suspeitosa.

RAQUEL  
Alô?

CORTA PARA:

#82. INT. APARTAMENTO DE ALENCAR 1/SALA. DIA (MAIS TARDE)

ALENCAR adentra pela porta principal trazendo um quadro  
nas mãos, com uma pintura abstrata.

Ele tem um sorriso no rosto e fala feliz, enquanto tranca  
a porta.

ALENCAR  
Você não vai acreditar... A  
cidade tá toda enfeitada, ta  
tendo um desfile perto do centro,  
você devia ter visto.

Sem obter respostas, ALENCAR caminha pela sala, indo em direção a COZINHA, deixando o quadro recostado na mesa.

CORTA PARA:

#83. INT. APARTAMENTO DE ALENCAR 1/COZINHA. DIA

ALENCAR caminha até a geladeira, tirando da mesma uma garrafa de leite, servindo em um copo e bebendo um pouco.

ALENCAR  
(depois de dar um gole, fala  
mais alto)  
Sério, você tem que perder esse  
medo de ir nos leilões, hoje  
mesmo dois quadros seus foram  
vendidos.

Depois de mais um silêncio ALENCAR franze a testa, intrigado, caminhando de volta para a SALA.

CORTA PARA:

#84. INT. APARTAMENTO DE ALENCAR 1/SALA. DIA

ALENCAR caminha pela sala. Ele parece tenso.

ALENCAR  
Raquel? Onde você tá?

Ele percebe algumas gavetas abertas na estante e alguns livros e discos jogados no chão.

ALENCAR  
Raquel?

CORTA PARA:

#85. INT. APARTAMENTO DE ALENCAR 1/QUARTO. DIA

ALENCAR entra e não vê ninguém.

Caminha lentamente até o banheiro, mas pára ao notar a cama, onde estão espalhados várias notas de dinheiro, fotos de um homem mais velho trajando uma roupa bem alinhada, um envelope amarelo rasgado, uma pasta parda e o telefone celular.

ALENCAR fita os objetos com pesar.

Caminha em seguida até um armário ao canto, abrindo-o rapidamente.

O interior do mesmo está vazio, apenas um cabide solitário balançando no cabideiro.



ALENCAR o fecha displicentemente, colocando o copo de leite no criado e caindo na cama em seguida, jogado sobre o dinheiro e as fotos.

ALENCAR fecha os olhos.

CORTA PARA:

#86. INT. QUARTO DE HOSPITAL. NOITE (2010)

RODRIGO

Você nunca mais a viu?

ALENCAR balança a cabeça negativamente, franzindo a testa em um sorriso.

ALENCAR

Irônico, né? Quando eu finalmente decido mudar de profissão o telefone não deixa.

RODRIGO sorri um pouco, falando sem graça.

RODRIGO

Mas você nunca procurou por ela?

ALENCAR

Infelizmente, a primeira coisa que eu fiz foi mudar daquela casa. Depois eu tentei, cheguei a procurar... desisti quando descobri que ela tinha mudado pra Europa. Ela nunca ia me aceitar de volta.

RODRIGO

Mas o que você fez depois?

ALENCAR

Continuei. Minha vida era essa.

ALENCAR começa a tossir.

RODRIGO o ampara, chegando mais perto.

RODRIGO

Você tá bem?

ALENCAR lhe sorri continuando a tossir.

RODRIGO

(se levantando)

Vou chamar a enfermeira.

ALENCAR segura seu braço, meneando a cabeça negativamente, parando de tossir.

ALENCAR  
(tossindo)  
Não, não chama.

RODRIGO  
Mas...

ALENCAR  
(tossindo)  
Já tô melhor, não chama ninguém.

RODRIGO acena com a cabeça, meio sem jeito, sem saber o que fazer.

ALENCAR respira fundo, limpando a boca com as costas das mãos, voltando ao seu estágio normal.

RODRIGO  
Você ta bem mesmo?

Um tempo de silêncio se segue, sem que nenhum dos dois diga nada.

RODRIGO ainda de pé, ALENCAR segurando-lhe o braço.

ALENCAR o solta.

ALENCAR  
(sério)  
Desliga o gravador.

RODRIGO o olha, intrigado, caminhando até a mesinha no canto, desligando o gravador.

ALENCAR lhe dá um aceno de cabeça.

ALENCAR  
(apontando)  
Pega aquela caixa ali, atrás do sofá. Quero te mostrar uma coisa.

RODRIGO se dirige até às caixas de papelão branco do hospital, pegando a indicada por ALENCAR nas mãos.

RODRIGO  
Essa?

ALENCAR  
Pega uma pasta dentro dela.

RODRIGO checa o interior, pegando depois de um tempo a pasta.

ALENCAR  
Tá vendo essa caixinha ai? Pega ela também.

RODRIGO volta a olhar dentro da caixa de papelão, pegando uma pequena caixa de madeira, colocando a outra de volta em seu lugar em seguida.

RODRIGO  
(balançando a pasta)  
O que...

ALENCAR  
Senta.

RODRIGO se senta, ainda sem abrir a pasta nas suas mãos.

ALENCAR  
Uma coisa que eu estranhei. Por que você nunca me perguntou como eu consegui seu número do celular?

RODRIGO  
Eu presumi que você tivesse conseguido no jornal.

ALENCAR  
Sempre que um jornalista presume alguma coisa é porque ele tá errado.

RODRIGO o olha, sua expressão se tornando mais séria.

RODRIGO  
(sério)  
O que tem nessa pasta?

ALENCAR o olha com certo peso no olhar.

ALENCAR  
Acho que você já sabe.

RODRIGO abre a pasta, descendo os olhos para a mesma, lendo-a com atenção.

Dentro dela estão três fotos suas, em tempos diferentes, uma folha com o seu nome escrito. Seu endereço, seu telefone, sua profissão.

RODRIGO olha para ALENCAR, sua expressão se fechando.

ALENCAR (O.S.)  
Você não queria ter uma história pra contar? Eu queria alguém pra me escutar. Me pareceu perfeito, duas vontades em uma só.

RODRIGO  
(perplexo)  
Você planejou isso tudo?

ALENCAR

Eu não planejei o câncer, e nem o que vem agora.

RODRIGO

Mas por que... quem mandou você?

ALENCAR o olha, mantendo a seriedade.

ALENCAR

Se você não sabe, eu também não.

RODRIGO

Mas...

Um tempo de silêncio se discorre entre os dois.

ALENCAR

Talvez esse seu gosto por mortes seja bem mais intenso que eu pensava.

RODRIGO

Mas eu...nunca fiz nada.

RODRIGO pende a cabeça, se deixando pensar por outros longos instantes.

Após um tempo, ele levanta a cabeça, fitando o outro com seriedade.

RODRIGO

E o que vem agora?

ALENCAR se mantém sério.

RODRIGO o olha de volta, encarando-o.

Um longo tempo se passa, sem que nenhum dos dois diga algo.

ALENCAR

Não vou te matar Rodrigo. Não faz mais sentido.

RODRIGO

Pensei que você terminasse todos os seus trabalhos.

Um leve sorriso surge nos lábios de ALENCAR, que abaixa os olhos por um momento.

ALENCAR

É, mas hoje vai ser um pouco diferente.

RODRIGO  
Diferente como?

ALENCAR levanta os olhos, encarando RODRIGO de forma séria, se deixando ficar calado por algum tempo.

ALENCAR  
Preciso que você termine isso pra mim.

RODRIGO  
Terminar o quê?

ALENCAR  
Isso, essa situação...

ALENCAR começa novamente a tossir, soando mais grave que antes.

RODRIGO se inclina pra frente, sem saber o que fazer.

ALENCAR pára de tossir, respirando fundo em seguida, olhando para Rodrigo, sério.

RODRIGO se levanta, caminhando de um lado para o outro do quarto.

ALENCAR  
Eu já tô morto, Rodrigo.

ALENCAR suspira, soltando o ar, falando com pesar.

ALENCAR  
Desperdicei minha vida inteira,  
tudo o que eu quero é ir embora  
rápido, em paz, sem dor.

RODRIGO  
Não consigo... Eu... não consigo  
fazer isso! Não sei nem por onde  
começar!

ALENCAR retira de baixo da sua cabeça um pequeno travesseiro, colocando-o sobre o peito, mostrando-o ao outro.

ALENCAR  
Você só precisa improvisar.

RODRIGO se senta, sua expressão é de desolamento.

Ele levanta o rosto para ALENCAR que o olha com um ar paternal.

ALENCAR  
Te dei sua vida de volta, tudo  
que eu quero é que você fique com  
a minha.

RODRIGO

Mas eu não posso.

ALENCAR

Você me deve isso. Você tava procurando respostas e agora você já tem. Você conseguiu tudo o que queria de mim, só tô te pedindo isso.

RODRIGO continua incrédulo e pensativo.

ALENCAR

Isso precisa acabar logo...

Instantes de silêncio se discorrem sem que nada aconteça.

As máquinas cardíacas funcionam, seu barulho ecoando pelo quarto.

Gotas de soro caem dentro da bolsa de plástico.

O gravador pode ser visto ao canto, desligado.

RODRIGO finalmente levanta a cabeça, pequenas lágrimas deixam seus olhos brilhosos.

Ele se levanta e caminha devagar até a cama, em seu rosto uma expressão de pesar.

ALENCAR lhe dá um aceno de cabeça.

Os dois continuam se olhando por alguns segundos, RODRIGO respirando fundo.

ALENCAR o olha, sério, lhe dando mais um aceno, entregando-lhe o travesseiro nas mãos.

RODRIGO o segura com as duas mãos, próximo de si mesmo, olhando para o objeto, pensativo.

ALENCAR posiciona a cama um pouco mais na horizontal, ajeitando seu corpo na mesma, o barulho do mecanismo ecoando pelas paredes.

ALENCAR desabotoa sua camisa, revelando os eletrodos do monitor cardíaco.

ALENCAR

Coloca isso no seu peito.

RODRIGO também abre os botões de cima de sua camisa, segurando o travesseiro entre o braço e as costelas enquanto o faz.

ALENCAR descola os eletrodos do peito, produzindo um alarme agudo, que ecoa pelo quarto por um momento.

RODRIGO então coloca os eletrodos no seu próprio peito, fazendo com que o barulho cesse.

Os dois se olham por mais alguns instantes.

ALENCAR

(calmo)

Depois, você sai do quarto o mais rápido possível. Desce pela escada de incêndio, ela não fica trancada e dá direto no estacionamento.

RODRIGO acena com a cabeça, sua expressão se mantendo séria apesar dos olhos lacrimejantes.

ALENCAR lhe olha por um instante e depois se deixa observar o quarto.

Depois de segundos contemplando-o, ele volta sua atenção para RODRIGO. Ele lhe dá um sorriso.

ALENCAR

Antes de sair, pega as coisas. Não esquece da caixa pequena, é um presente de despedida pra você.

RODRIGO

E a sua história? O que você quer que eu faça com ela?

ALENCAR

Agora ela é sua. Faça o que achar melhor.

RODRIGO lhe dá um leve aceno de cabeça, seu olhar é focado, suas mãos tremendo levemente.

ALENCAR deixa seu corpo deitar mais na cama, fechando os olhos em seguida.

ALENCAR

Obrigado, Rodrigo.

RODRIGO volta a segurar o travesseiro com as duas mãos, lentamente se inclinando pra frente.

ALENCAR abre os olhos, olhando-o uma última vez.

Ele então segura o braço de RODRIGO com uma das mãos.

ALENCAR

Gostei de conversar com você...

RODRIGO lhe dá ainda mais um aceno sincero, e ALENCAR volta a fechar os olhos, conduzindo com sua mão o travesseiro até seu rosto.

RODRIGO o pousa levemente sobre o rosto do outro, inclinando-se devagar, jogando seu peso sobre o rosto de ALENCAR.

A mão de ALENCAR solta o seu braço, relaxando por um segundo.

Depois de um tempo, seu corpo todo enrijece, e RODRIGO tem que forçar mais seu peso para evitar que o outro se debata.

A máquina cardíaca mostra uma leve aceleração.

O soro continua a cair.

O quadro abstrato de Raquel na parede do quarto pode ser visto na parede.

RODRIGO abre a boca sem gritar, deixando o ar passar, pequenas lágrimas lhe escorrendo pelo rosto.

INSERT:

INT. HOTEL 3/QUARTO DE ROGÉRIO. NOITE

ALENCAR jovem segura o travesseiro sobre o rosto de ROGÉRIO que se debate, seu corpo se contorcendo.

No rosto de ALENCAR uma expressão diferente da de RODRIGO.

VOLTA À CENA

ALENCAR continua se debatendo por longos instantes, até que seu corpo finalmente cessa, relaxando uma ultima vez.

INSERT:

INT. HOTEL 3/QUARTO DE ROGÉRIO. NOITE

ALENCAR jovem começa a parar de pressionar o travesseiro contra o rosto de ROGÉRIO que aos poucos pára de se debater.

ALENCAR então retira o travesseiro.

VOLTA À CENA

RODRIGO ainda mantém o travesseiro pressionado por mais um tempo, retirando o em seguida, revelando o rosto de ALENCAR, que tem os olhos fechados e a boca um pouco aberta.

RODRIGO se deixa observá-lo por um tempo, suas lágrimas cessando.

Ele então arruma a cabeça do corpo, colocando o travesseiro atrás da mesma novamente.



RODRIGO então alisa os cabelos, retirando os eletrodos do peito, colocando-os novamente em ALENCAR, fazendo com que o sinal agudo continue.

Ele fecha a camisa do outro, e em seguida a sua, deixando-se observá-lo por mais uns instantes.

Ele então se vira, pegando o gravador na mesinha, e a pequena caixa ao lado, colocando ambos em sua pasta, que pega do chão, ao lado da poltrona.

Colocando-a no ombro, ele olha para o relógio que indica 4 e 56 da manhã.

Ele caminha até a porta, parando na mesma para dar mais uma olhada no corpo inerte de ALENCAR, que parece dormir dessa distancia.

Limpando o rosto ele sai do quarto, olhando para os dois lados do corredor antes de fazê-lo.

CORTA PARA:

#87. EXT. RUA DA CIDADE 4. DIA

O dia está amanhecendo. Um semáforo muda de vermelho para verde.

O carro de RODRIGO está parado na faixa do meio.

Quase nenhum carro pode ser visto.

CORTA PARA:

#88. INT. CARRO DE RODRIGO. DIA

RODRIGO tem uma mão ao volante e a cabeça pendida para baixo.

Ele respira fundo, levantando a cabeça para o banco do passageiro, onde nota sua pasta, fechada, largada sobre o mesmo.

Ele a abre devagar, tirando da mesma a pequena caixa de antes, segurando-a em suas mãos.

RODRIGO a encara por longos instantes, apoiando-a em seguida no volante, abrindo a mesma, olhando seu interior.

Sua expressão se altera em um sorriso descrente. Ele se deixa olhar a caixa aberta por mais alguns segundos.

Em seu interior forrado de veludo, a caixa guarda de maneira segura um aparelho celular ligado.

RODRIGO se mantém olhando para o objeto, seu sorriso se tornando uma expressão mais séria.

CORTA PARA:

#89. EXT. RUA DA CIDADE 5. DIA

O carro continua parado.

CORTA PARA:

#90. INT. APARTAMENTO DE RODRIGO/SALA. DIA

O dia ainda amanhece.

RODRIGO abre a porta com cuidado. Olha pra sala do seu apartamento, pensativo.

CORTA PARA:

#91. INT. APARTAMENTO DE RODRIGO/COZINHA. DIA

RODRIGO abre a geladeira, pegando uma caixa de leite, bebendo do bico da mesma, cansado.

Ainda com a geladeira aberta, se deixa perder por longos segundos em pensamentos.

Ainda com o leite em mãos, RODRIGO caminha até a SALA.

CORTA PARA:

#92. INT. APARTAMENTO DE RODRIGO/SALA. DIA

Ele abre a sua bolsa e tira de dentro o gravador, plugando o fone de ouvidos no mesmo, levando-os as orelhas, colocando a caixa de leite na mesa, olhando ao redor.

Ele aperta o play.

A fita gira lentamente.

ALENCAR (O.S.)

Uma coisa estranha nessa situação é a mudança na minha relação com a morte.(PAUSA) Antes ela era minha amiga, uma espécie de companheira. Era por causa dela que eu continuava vivo, era por ela que eu acordava de manhã. Mas agora, (PAUSA) bom, agora as coisas são um pouco diferentes.

RODRIGO caminha devagar, colocando o gravador no bolso, pegando a caixa de leite e levando a nas mãos, bebendo mais um gole.

CORTA PARA:

#93. INT. APARTAMENTO DE RODRIGO/COZINHA. DIA

As gotas caem lentamente na pia fazendo um barulho grave, barulho que ecoa pela casa.

CORTA PARA:

#94. INT. APARTAMENTO DE RODRIGO/SALA. DIA

RODRIGO caminha pela sala indo devagar em direção ao QUARTO.

CORTA PARA:

#95. INT. APARTAMENTO DE RODRIGO/QUARTO. DIA

RODRIGO pára ao da porta do quarto, apoiando-se no umbral.

MARISA dorme amplamente em uma confortável cama de casal.

ALENCAR (O.S.)

Agora nada funciona mais do mesmo jeito. Ela deixou de ser minha família, (PAUSA). É como se todo esse tempo ela fizesse parte de mim, e agora ela tivesse sido arrancada da minha barriga.(PAUSA) A morte deixou de ser minha amante pra virar o meu destino.

O silêncio se segue, o barulho do mecanismo do gravador soando ao fundo.

RODRIGO suspira, tirando os fones de ouvido.

Um sorriso surge nos seus lábios, seu olhar é distante.

SURGEM OS CRÉDITOS FINAIS ACOMPANHADOS DE TRILHA MUSICAL.

**FIM**

#96. (EXTRA)EXT. RUA DA CIDADE 6. DIA

Um MENDIGO caminha pela beira da calçada, levando consigo um carro de madeira carregado de entulhos, puxando o mesmo com a força do seu corpo.

Ele caminha com o ar cansado, parando um pouco para tirar o suor da testa.

Nesse instante o toque de um telefone começa a soar, seu barulho quase inaudível por causa dos carros que passam.

O MENDIGO aperta mais a visão, procurando a fonte do barulho.

Ele então avista, tocando junto ao meio fio, o CELULAR de ALENCAR.

O MENDIGO caminha até o CELULAR, deixando seu carrinho para trás, se agachando perto do mesmo.

Ele o tira da caixa e o segura nas mãos por alguns segundos, olhando-o pensativo.

Depois de um tempo ele o leva a orelha, hesitante.

MENDIGO  
(sem jeito)  
Alô?

FADE OUT.

**FIM 2**